

Michele Valentim Morais

**QUAIS HISTÓRIAS NOS CONTAM ESSAS CANÇÕES?
A UTILIZAÇÃO DE CANÇÕES NO ENSINO DE HISTÓRIA.**

Dissertação submetida ao Programa de Pós-Graduação em Ensino de História, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de Mestra em Ensino de História.

Orientador: Prof. Dr. Henrique Pereira Oliveira

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca
Universitária da UFSC.

Moraes, Michele Valentim

Quais Histórias nos Contam essas Canções? : A
utilização de canções no Ensino de História. / Michele
Valentim Moraes ; orientador, Henrique Pereira
Oliveira, 2017.

78 p.

Dissertação (mestrado profissional) -
Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de
Ciências da Educação, Programa de Pós-Graduação em
Ensino de História, Florianópolis, 2017.

Inclui referências.

1. Ensino de História. 2. Ensino de História. 3.
Canção. 4. Ensino Fundamental. 5. Documentos
Históricos. I. Pereira Oliveira, Henrique. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Ensino de História. III. Título.

Michele Valentim Morais

**QUAIS HISTÓRIAS NOS CONTAM ESSAS CANÇÕES?
A UTILIZAÇÃO DE CANÇÕES NO ENSINO DE
HISTÓRIA.**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestra em Ensino de História, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós-graduação em Ensino de História – PROFHISTÓRIA.

Florianópolis, 17 de Fevereiro de 2017.

Profa. Dra Mônica Martins da Silva.
Coordenadora do Curso

Banca Examinadora:

Orientador:

Prof. Dr. Henrique Pereira Oliveira
PROFHISTÓRIA/UFSC

Membros:

Profa. Dra. Luciana Rossato Profa. Dra. Mônica Martins da Silva
PROFHISTÓRIA/PPGH/UFSC PROFHISTÓRIA/PPGH/UFSC

Prof. Dr. Luciano de Azambuja Profa. Dra. Cristina Scheibe Wolff
PROFHISTÓRIA/UFSC (suplente)
PROFHISTÓRIA/PPGH/UFSC

Às minhas filhas, por suportarem
minha ausência e falta de atenção em
prol de cumprir os desafios do
cotidiano, e aos meus amigos pela
paciência e apoio ao longo desse
processo.

AGRADECIMENTOS

Diante de tantos sacrifícios para concluir o curso e da trajetória um tanto espinhosa, o melhor de tudo é olhar para trás e ver que o melhor de todo esse tempo foi chegar no final e perceber que mais do que teorias e autores, o que aprendemos poderemos certamente levar para vida e não apenas para a sala de aula. Os colegas que conhecemos e suas experiências de vida e de prática docente foram uma verdadeira inspiração e combustível para cada um de nós, mestrandos, a prosseguir nessa aventura diária que é a sala de aula. Poucas aulas foram tão ricas quanto as trocas de experiências diversas que este curso proporcionou, dentro e fora das disciplinas.

E por falar nessas aulas, não cansarei de repetir o quanto as aulas da professora Claudia Mortari foram essenciais para a qualificação profissional de todos nós e particularmente inspiradoras. Para ela vai meu primeiro agradecimento, pelos debates, pelos questionamentos e por proporcionar uma renovação de olhar sobre a realidade brasileira e de como a historiografia e o ensino ainda são condicionados a uma visão colonizadora, tudo isso devidamente embasado com textos e autores que eu jamais teria acesso se não fosse por ela.

Para manter os agradecimentos no ambiente acadêmico, estendo os sinceros agradecimentos a todos os colegas de mestrado da UFSC e da UDESC pelos momentos de auxílio e de companheirismo nos momentos difíceis, pelas experiências compartilhadas, pela solidariedade, risadas e reuniões étlicas que nos serviam de terapia coletiva. Ainda que nossos caminhos se dispersem e nossos contatos se desfçam, levarei esses momentos e essas pessoas com muito carinho em minhas lembranças. Um agradecimento especial para a Fabíola e para o Fábio que não me deixaram desistir, sob hipótese alguma, nas inúmeras vezes que eu pensei nisso.

Encerrando o universo acadêmico, agradeço ao meu orientador, professor Henrique Pereira Oliveira, por ter aceitado a orientação e pelo tempo despendido às correções e sugestões para que este trabalho pudesse ser finalizado.

Para além deste universo, um outro grupo de pessoas me acompanhou nessa jornada e foi fundamental para que eu conseguisse concluir este curso sem que minha sanidade mental fosse perdida por completo. Estas pessoas que ao longo desse tempo se tornaram muito mais do que colegas de trabalho, formando uma verdadeira rede de amigos que certamente mudaram a minha vida. Para todos vocês: Felipe, Jana, Bruno, Evandro, Carol, Lucas e Janete, obrigada por

absolutamente tudo e por se tornarem uma família para mim. Nessa nossa bagunça diária intercalando as trocas de salas, brincadeiras nos corredores da escola, conversas e risos na sala dos professores e idas ao cinema, ganhei de brinde três pessoas incríveis que me fazem um bem enorme e a cada dia se tornam mais imprescindíveis na minha vida, Kamila e Leticia, que nem sei explicar a razão de nos darmos tão bem se somos três pessoas completamente diferentes uma da outra, mas o fato é que somos um trio e tanto! E, Mauricio, dizem que as pessoas mais próximas são as que mais sofrem as consequências do nosso nervosismo porque é onde descontamos tudo o que sentimos. Desconfio que você concordaria com isso! Por isso, te agradeço por esses meses de paciência, ajuda e tudo mais que eu não preciso colocar aqui, mas você já sabe.

Por fim um agradecimento mais que especial para aqueles que são a verdadeira razão da existência desse trabalho, meus alunos. Apesar de todas as dificuldades da profissão, ainda consigo dizer que me sinto privilegiada por contribuir para a formação destes indivíduos. Eles são parte fundamental do que sou como profissional e por isso meu agradecimento, por me motivarem a ser cada vez mais uma profissional mais qualificada.

RESUMO

Este trabalho apresenta uma discussão em torno das possibilidades do uso de canções no ensino de história para alunos do período escolar que compreende o Ensino Fundamental II e/ou Ensino Médio, na qual se encerra com uma proposta de trabalho acerca do tema. Para isso se fez necessário uma rápida contextualização sobre o debate que envolve as relações entre canções e a história, além das questões que envolvem o Ensino de História e o uso de documentos históricos com os alunos. Ao longo do texto também foram apresentadas a experiência realizadas em sala de aula com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental que ocorreram na Escola da Ilha e outras atividades realizadas em outras regiões do país e que foram relatadas em artigos acadêmicos. Para construir a proposta final, esta experiência foi problematizada a partir do debate teórico proposto principalmente pela autora Miriam Hermeto, relacionado a outros autores. A intenção dessa dissertação é apresentar uma proposta de trabalho referente as práticas pedagógicas que envolvem o uso de canções como documento histórico, com alunos do ensino básico, tendo em vista a necessidade de aproximar estes alunos da disciplina e promover uma maior compreensão do conteúdo trabalhado em sala, promovendo um processo de descoberta e construção do conhecimento histórico de forma mais crítica e autônoma.

Palavras-chave: Ensino de História; Canção; Ensino Fundamental; Documentos Históricos.

ABSTRACT

This paper presents a discussion about the possibilities of the use of songs without history teaching for students of the school period that includes elementary education II and / or high school, in which it concludes with a proposal of work on the theme. For this, it is necessary to make a brief contextualization about the debate involving the relationships between songs and history, as well as the issues surrounding the teaching of history and the use of historical documents with students. Throughout the text were also presented as tests conducted in the classroom with students of the 9th grade of elementary school that occur in the current school I teach, in addition to offers in other regions of the country and which are reported in academic articles, presented over of this text. In order to construct a final proposal, these experiences were problematized and rethought from the theoretical debate proposed by the author Miriam Hermeto, among other authors. The intention of this dissertation is to present a proposal of work and to promote a difficulty in questions referring to pedagogical practices that involve the use of documents with students of the basic education, in the case the music, considering the necessity to approach these students of the discipline and to promote a greater understanding of the content worked in the classroom involving these students process of discovery and construction of historical knowledge in a more critical and autonomous way.

Keywords: Teaching of History; Song; Elementary School; Historical Documents.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Canções utilizadas.....	47
------------------------------------	----

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

PIBID – Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência.

LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional

CAPES - Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	19
1.CANÇÃO E HISTÓRIA.....	23
1.1 O ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DE CANÇÕES EM SALA DE AULA	28
2.1 RECORTE NO TEMPO E NO ESPAÇO.....	35
2.2 OS PERCURSOS METODOLÓGICOS E A ATIVIDADE EM SALA DE AULA COM AS CANÇÕES.	37
2.3 UMA PROPOSTA PARA O USO DE CANÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA.....	52
2.3.1 Primeira Etapa.....	54
2.3.2 Segunda Etapa	57
2.3.3 Terceira Etapa	61
3. O ENSINO DE HISTÓRIA, AS CANÇÕES E A CULTURA HISTÓRICA: AS NARRATIVAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS	63
REFERÊNCIAS	75

INTRODUÇÃO

Ao ler o título desse trabalho já é possível perceber que se trata de um texto que abordará a temática da canção no âmbito do ensino de História. O meu interesse pela relação “música x história” ocorreu ainda nos tempos de estudante ao realizar um trabalho de pesquisa para a professora da disciplina, quando estava no 2º ano do ensino médio na cidade de Praia Grande - SP. A experiência de estudar os movimentos musicais da Bossa Nova, Tropicália e MPB me fizeram perceber que os acontecimentos políticos do período não precisavam ser estudados apenas sob a ótica política para serem compreendidos, mas que era possível entender através do viés cultural, neste caso o universo musical.

A partir dessa experiência, meu interesse pelas diversas maneiras de compreender os acontecimentos históricos ocorreu das formas mais variadas, seja pela literatura, obras de ficção, música, teatro e as mais diversas formas de expressão. Ao longo da minha trajetória acadêmica no curso de História, sempre que possível estudava a partir dos aspectos socioculturais, até que como trabalho de conclusão de curso, em 2009, realizei a pesquisa sobre o movimento tropicalista, mais especificamente a partir das manifestações musicais do movimento e utilizando como fonte o disco “Tropicália ou Panis et Circensis”, gravado e lançado no ano de 1968.

Ao iniciar minha carreira docente, em 2010, procurei elaborar atividades que apresentassem aos alunos a possibilidade de compreender a História para além dos livros didáticos e para isso utilizando outros suportes e fontes como imagens, filmes, literatura e música. Ao fazer o retrospecto dessas atividades é possível afirmar que, de maneira geral, utilizar fontes com os alunos possibilita uma aprendizagem mais completa e torna a aula mais atraente e, aumentando o interesse do aluno pela disciplina. Assim como afirma Fernando Seffner, esta prática consiste em “rápidas soluções cotidianas para o velho problema de tornar a aula de História mais atraente para os estudantes” (SEFFNER, 2008, p.124)

Neste sentido, este trabalho apresenta uma alternativa para o uso de canções no ensino de história partindo das experiências realizadas em sala de aula. Mais do que uma discussão teórica sobre o tema, esse trabalho busca apontar possibilidades e caminhos possíveis para que outros professores desenvolvam suas próprias metodologias. Desta forma, a apresentação deste trabalho se dá em três capítulos, dispostos da seguinte maneira.

O primeiro capítulo aborda análises teóricas acerca do tema que perpassa a relação entre música e história e defende a canção enquanto uma produção de seu tempo, como aponta Bethânia Cristina Gaffo, ao dizer que o passado, além de ser um conjunto de fatos acontecidos, também consiste em uma série de produções realizadas pelo homem (GAFFO, 2013, p.7). Lembrando sempre que toda fonte está diretamente ligada ao seu contexto histórico e por isso necessita de cuidados para não ser entendida como a verdade absoluta de uma época. Apresenta uma breve retrospectiva do desenvolvimento dos estudos historiográficos sobre música de acordo com a análise dos historiadores Marcos Napolitano e José Vinci de Moraes, apresentando as diversas maneiras como a relação entre música e história foi entendida sob três perspectivas diferentes ao longo do tempo.

Essas perspectivas perpassam primeiramente pela valorização biográfica e individualizada do cantor sem a preocupação com as relações sociais entre os indivíduos envolvidos, tanto na produção quanto na recepção da obra. No segundo momento a valorização volta-se para a obra, mas descolada do contexto histórico e considerando apenas os elementos estruturais da canção de forma e conteúdo. E, por último, a preocupação voltada para o gênero musical da qual a obra está inserida, pressupondo uma linha evolutiva na música brasileira.

Ainda neste capítulo são apresentadas algumas discussões a respeito do uso das canções no ensino de história. Em alguns momentos do meu curto tempo em sala de aula (são apenas seis anos na prática da docência) pude constatar que as aulas que mais me davam trabalho para planejar, preparar e que eu propunha o contato direto com fontes ou metodologias diferenciadas eram as que os alunos mais participavam com questionamentos e demonstravam suas opiniões, além de apresentarem uma melhor compreensão sobre o tema abordado nas avaliações, pois haviam efetivamente aprendido e não apenas decorado a matéria. Dentre as experiências realizadas, evidencio a atividade feita por alunos que cursavam a antiga 8ª. série do ensino fundamental, na rede social do Colégio Marista, localizada no Maciço do Morro da Cruz, em Florianópolis no ano de 2013. Estes alunos realizaram entrevistas com moradores da comunidade da qual pertenciam e elaboraram um documentário a partir desta experiência, tendo como ponto norteador as reformas urbanas na virada do século XIX para o século XX.

Outra experiência que comprova ainda mais o interesse dos alunos, no uso de fontes históricas durante o processo de ensino-aprendizagem, foi a participação na Olimpíadas Nacional em História do Brasil, promovida pela Unicamp, com os alunos do 9º ano do Ensino

Fundamental e Ensino Médio da Escola da Ilha, na qual todas as etapas se dão por meio de atividades de análises de fontes históricas de diversas origens e suportes (documentos oficiais, canções, literatura, cartografia, entre outras). A proposta da Olimpíada é apresentar aos participantes uma maneira diferenciada de compreender a história, para isso utiliza em suas diversas fases documentos históricos entre imagens, mapas, áudios, documentos escritos oficiais, entre outros. Quando participei com os alunos, tanto na rede pública, no ano de 2010, quanto na rede privada, entre os anos de 2015 e 2016, o interesse dos participantes pela disciplina aumentou consideravelmente, mesmo após o fim do evento, pois, os alunos experimentaram uma forma diferenciada de compreender o passado. Através da interpretação das fontes conheceram sujeitos e práticas que normalmente não aparecem nos livros didáticos, perceberam que é possível estudar utilizando outros suportes e, esta experiência modificou o olhar deles quanto a disciplina. Desde então, tenho me esforçado a estimulá-los e sempre que possível oferecer atividades semelhantes.

O segundo capítulo apresenta uma experiência realizada em sala de aula com a utilização de canções com alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola da Ilha, escola da rede privada de ensino de Florianópolis, situada no bairro Córrego Grande que atende, essencialmente, famílias compostas por profissionais liberais e servidores públicos. E, constam relatos de outros professores participantes do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), que relatam sua metodologia, objetivos e resultados com alunos do 9º ano do Ensino Fundamental, na rede pública da cidade de Viçosa-MG. A partir destas experiências relatadas foi realizada a construção de uma proposta de trabalho com o uso de canções enquanto documento histórico. Desta maneira, acredito aproximar o conteúdo trabalhado em aula com a realidade do aluno e despertar os interesses para a história. Cada etapa desenvolvida se amparou nos estudos realizados pela pesquisadora Miriam Hermeto que apresentam diversas dimensões para o uso de canções em sala de aula e o ensino de história.

Apesar da proposta ter sido desenvolvida dentro de um ambiente da rede privada, é possível adaptar o uso de acordo com a realidade de cada professor nas escolas que lecionam, considerando as dificuldades técnicas para implementação da metodologia e os desafios propostos aos alunos.

O terceiro, e último capítulo, desenvolve um levantamento dos debates a respeito dos usos de documentos históricos no ensino de história, a partir das considerações de Kátia Maria Abud e Helenice

Rocha sobre as possibilidades e objetivos acerca da utilização de novas linguagens na sala de aula e quais os cuidados necessários ao se adotar esta prática. Além disso, consta a análise sobre as produções dos alunos e uma breve avaliação de todo o processo relatado no capítulo anterior, sob a perspectiva das dimensões de análise de canções propostas por Hermeto e, também, no debate acerca da cultura histórica e como essa se constitui no cotidiano dos indivíduos, para além do ambiente escolar, a partir das considerações apontadas por Alessandra Ciambarella. Ressaltando que a identidade dos alunos foi preservada, portanto, seus nomes estarão representados através apenas das iniciais.

1. CANÇÃO E HISTÓRIA

Por meio da Nova História, movimento surgido na segunda metade do século XX, a historiografia obteve uma grande transformação nos estudos referentes as fontes históricas de maneira geral. Sabemos que a partir deste momento houve uma expansão de possibilidades aos historiadores e suas pesquisas, pois esta corrente historiográfica defendia o uso de relatos e testemunhos de diversas “naturezas” como fonte histórica. Isto foi importantíssimo para o desenvolvimento de novos olhares e compreensões sobre a história, e posteriormente sobre o ensino de história. De acordo com Bethânia Cristina Gaffo,

Compreender a multiplicidade de tempos históricos não é possível somente através dos documentos oficiais, mas também através de outras produções artísticas e intelectuais realizadas na época que se almeja investigar. O passado, além de um emaranhado de fatos, consiste também em uma série de produções que o homem, objeto de investigação historiográfica, realiza impulsionado por seu pensamento e seu comportamento. Como o homem nunca pode ser considerado sozinho, pois está inserido em sociedade, ao produzir ele não somente expressa seu sentimento, pensamento e comportamento, mas do grupo social ao qual pertence. Sendo assim, textos literários, imagens e outras formas de expressão ganharam visibilidade nos trabalhos historiográficos. (GAFFO, 2013, p.7.)

As pesquisas historiográficas começaram a se dedicar não apenas ao que os seres humanos deixaram registrados em documentos oficiais, mas iniciaram uma investigação sobre as ações humanas em diversos aspectos, propiciando que os vestígios deixados por essas ações fossem vistos também como fontes históricas (GAFFO, 2013, p.2.). Sendo assim, foi possível incluir também os vestígios deixados no cenário musical.

A partir do momento em que as canções passaram a ser entendidas como possíveis fontes históricas foi preciso desenvolver metodologias de análises sobre elas, surgindo possibilidades de usos e as dificuldades que elas poderiam apresentar na pesquisa histórica.

Portanto, como qualquer fonte histórica, as canções estão sujeitas a métodos de análises e críticas e apresentam suas dificuldades peculiares.

A canção é um dos elementos que compõem a cultura de uma sociedade. No entanto, este elemento está repleto de variantes intrínsecas a própria canção como a melodia, o ritmo, a harmonia, o timbre e a letra, bem como as variantes externas como o autor, o ouvinte e o contexto que se insere. De acordo com estudiosos como Marcos Napolitano e José Vinci de Moraes, essas variantes (melodia, ritmo, letra, autor e ouvinte) constituem uma rede complexa de relações entre si, tornando o seu estudo uma tarefa complexa. Estudar canção a partir de uma perspectiva historiográfica não significa selecionar uma letra e usá-la como um texto qualquer, é preciso entendê-la como um todo, forma e conteúdo, veiculação e recepção. Segundo o etnomusicólogo Rafael José de Menezes Bastos, “uma canção é já em sua substancialidade – e mesmo que feita por uma só pessoa – um diálogo: entre música e língua” (BASTOS, 1996, p.164). Esse diálogo entre música e língua, apontado pelo autor, provoca a percepção de que os sons e as falas se complementam e transmitem informações para o ouvinte.

Ainda no que toca as pesquisas sobre a canção e a História, o historiador José Geraldo Vinci de Moraes diz que estes estudos seguiram três perspectivas.

A primeira perspectiva tinha como foco principal os estudos biográficos e no “grande artista”, referindo-se ao momento em que os estudos se limitavam a contar as biografias dos cantores, o que não foge do próprio momento historiográfico que antecede a Nova História, no qual também havia essa mesma preocupação em enaltecer as grandes figuras históricas, sem a preocupação com as relações sociais propriamente ditas, neste caso, o artista é visto quase como o grande herói. Na segunda perspectiva se limitava à obra individualizada, ignorando o contexto de produção, como se a obra em questão não estivesse relacionada com o seu tempo, retirando assim sua historicidade, considerando apenas os elementos estruturais da canção, como musicalidade e letra. E a terceira perspectiva preocupava-se apenas com o gênero ou a escola, ou seja, o samba, a bossa nova, entre outros, que possuem caráter evolucionista, como se esses gêneros musicais estivessem interligados através de um pensamento progressivo, independente do seu tempo histórico de produção. (MORAES, 2000, p. 206)

Os historiadores Marcos Napolitano e Geraldo Vinci de Moraes, apontam algumas dificuldades em relação aos estudos das canções. Para

ambos, a falta de metodologia pode ser um grave problema para a análise, tendo em vista a falta de familiaridade de alguns pesquisadores com as especificidades da fonte e com o conhecimento da linguagem musical. Porém, embora o pesquisador não seja um músico, isso não deve servir de impedimento para a pesquisa. Mesmo com as dificuldades técnicas, o número de trabalhos acadêmicos que envolvem o universo musical tem crescido a cada ano e já é possível estabelecer um campo, que talvez ainda esteja se desenvolvendo ou se consolidando, mas que também não pode ser chamado de experimental. De acordo com o pesquisador Diogo Silva Manoel, cada pesquisa pode estabelecer critérios para sua realização, para que as barreiras técnicas deixem de ser empecilho para a realização da mesma e que cada historiador é que será responsável pelo método e critérios utilizados em sua pesquisa. (MANOEL, 2014, p.03).

De acordo com Álvaro Neder (2006), os gêneros musicais devem ser compreendidos como “sistema de significação social” que expõe um discurso comportamental e linguístico, agregado de códigos de condutas e valores, que favorecem a identificação dos sujeitos com a canção ou o gênero musical. Segundo o autor,

[...] sendo um discurso, o gênero musical conecta a subjetividade aos processos sócios históricos. Desta maneira, gêneros musicais conferem identidades. Detalhes musicais passam a significar atitudes e crenças – ideologias – que tanto congregam comunidades (...), como também mantêm afastados aqueles que adotam uma atitude de rejeição em relação a estes valores. (NEDER, 2006.)

Entretanto é preciso atentar para as possíveis ressignificações e apropriações dos sujeitos, sem ignorar a diversidade dos grupos sociais. Se os gêneros musicais conferem identidade a sujeitos e grupos, também são capazes de transmitir significações próprias. Ao analisá-los é fundamental ter em mente que cada grupo social possui seus próprios signos de identificação e compreensão do mundo por meio da perspectiva de gênero, raça ou econômica, ou seja, essa apropriação será tão variável quanto a própria produção, pois da mesma maneira que os sujeitos que a produzem conferem a obra suas identidades, os sujeitos que a recebem a interpretaram de acordo com suas perspectivas e os significados podem ser variados. A intenção de quem produz pode ser entendida de outra maneira. (SEFFNER, 2008, p.116.)

Para este trabalho a canção está sendo pensada também como um suporte de memória de um determinado tempo, neste caso, o período da ditadura militar. Dessa forma, as canções do período precisam ser pensadas para além das suas implicações específicas da forma, entendida aqui como a estrutura musical da canção - os arranjos, melodia, ritmo e gênero musical - e nem apenas o conteúdo, que se refere a letra propriamente dita e as mensagens transmitidas por ela, tampouco deve ser esquecido o público e as implicações que se apresentam na relação direta entre a produção e a sociedade que a recebe. Através de um paralelo sobre estudos do uso da literatura na história, podemos apontar para o que Antônio Candido nos diz sobre as relações existentes da produção artística e a sociedade. De acordo com o autor, é preciso compreender que a produção artística é constituída por três esferas: a obra, o público e o autor e essas esferas formam “um sistema simbólico de comunicação inter-humana, ela pressupõe o jogo permanente de relações entre os três, que formam uma tríade indissolúvel”. (CANDIDO, 2006, p.46)

É neste sentido que as canções são analisadas e interpretadas neste trabalho, como um testemunho do seu tempo realizada por um sujeito que pertence e vivência seu tempo e parte de sua interpretação sobre ele para se expressar, ou seja, este testemunho traz consigo interpretações, apropriações, conflitos e contradições que pertencem a esse sujeito através de suas experiências. Como diz Marc Bloch, “(...) tudo que o homem diz ou escreve, tudo que fabrica, tudo que toca pode e deve informar sobre ele”. (BLOCH, 2002, p.74)

Ao tratar as canções como fontes é preciso assumir que estas carregam consigo informações cruciais sobre a sociedade e seus conflitos e, também são frutos das dinâmicas do processo histórico. Elas não apenas refletem o seu tempo, mas são construídas a partir dele e são compostos por esses conflitos e pelas questões que envolvem o seu próprio tempo, o que não significa ser uma cópia fiel e exata do contexto, mas uma das vozes a ser ouvida. Para o pesquisador Diogo Silva Manoel:

É possível afirmar que a canção é um bom vestígio para reunir informações sobre diversos aspectos de um período histórico, justamente por seu poder de comunicação e apropriação pelos indivíduos. (MANOEL, 2014, p.04)

Se a canção carrega consigo as características apresentadas acima, não há dúvidas de que se trata de um documento histórico, pois é um discurso feito para fornecer informações intencionalmente ou não. Neste caso o “poder de comunicação e apropriação”, citado acima, pode ser entendido como a capacidade que a canção possui de alcançar um grande público e de disseminar sua mensagem e ainda ser assimilada e interpretada por esse mesmo público. Em cada época ela terá o suporte que lhe permite essa disseminação, seja por rádio, televisão, festas, shows, discos, fitas, cds ou atualmente a internet, a canção está diretamente ligada ao cotidiano das pessoas, o que acredito ser ponto crucial para compreender a inserção da canção como uma fonte diversificada de informações. O que não faz dessa fonte algo simples de ser analisado. Apesar de estar repleta de informações, a análise das canções requer muitos cuidados, pois compreende um complexo de fatores sonoros, como o som, a melodia, os arranjos, e não sonoros que poderíamos entender como a letra, o contexto histórico que foi produzida, compositores/intérpretes e recepção.

Para a pesquisadora Miriam Hermeto:

Examinar as canções como fontes significa interrogá-las tanto no que se refere aos seus aspectos históricos mais gerais, quanto no que tange ao problema que está sendo investigado. Isso deve ser feito, especialmente, tomando-se por base as características específicas da linguagem documento-canção. (HERMETO, 2012, p.29-30)

Os aspectos gerais citados acima podem ser entendidos como um conjunto de informações históricas que a fonte proporciona ao pesquisador, e que no caso da canção podem ser incluídas as questões referentes ao processo de produção como datas, biografias, suportes, veiculação e recepção. Nesse sentido, cabe ressaltar mais uma vez, que como qualquer outra fonte histórica a canção necessita de cuidados ao ser analisada, mantendo a criticidade em relação a ela. Sobre isso, o historiador Jéferson Dantas nos diz que:

[...] a linguagem musical pressupõe mais do que a melodia e/ou a harmonia. Ela apresenta elementos multifacetados, poesias vivas itinerantes, que são ressignificadas de acordo com a interpretação artística. Logo, o estudo de uma obra musical ou de diferentes obras musicais não representa

exclusivamente o levantamento de dados biográficos de um/a determinado/a artista e de suas respectivas composições, mas fundamentalmente o impacto sociocultural que esta obra teve no tempo e no espaço, sopesando suas rupturas e descontinuidades. (DANTAS, 2012, p.02)

Desta forma, Dantas nos alerta que em qualquer momento da história quando a canção é utilizada como objeto de análise, é preciso ater-se sobre ela de maneira completa, do contexto de criação até as especificidades técnicas. Por isso, cada detalhe se torna fundamental e colher todas as informações possíveis, como autoria, veiculação, produção, entre outras, é extremamente importante, pois cada elemento é parte integrante da canção e possibilitará aumentar a compreensão da mesma. Sobre isso veremos mais adiante algumas possibilidades de trabalhar as canções.

1.1 O ENSINO DE HISTÓRIA E O USO DE CANÇÕES EM SALA DE AULA.

A pesquisadora Circe Bittencourt, apresenta um cenário de disputas em torno da disciplina de História ao longo do tempo e como ela foi utilizada para atender a ordem vigente em diversos momentos da história do Brasil (BITTENCOURT, 2011, p.84-85).

Como nos aponta a autora, a partir da década de 1980, houve uma preocupação com a disciplina de História para que esta atendesse as necessidades do novo público que chegava à escola advindos do mercado de trabalho. Além disso, o debate sobre a historiografia se intensificou nesse mesmo período, refletindo na própria discussão sobre o ensino de História, pois foi a partir das mudanças de olhares sobre a história que o ensino também sofreu modificações, ainda que posteriormente, esses debates historiográficos possibilitaram uma nova forma de escrever os livros didáticos e de pensar o Ensino de História. Outro fator decisivo que contribuiu com as discussões sobre os caminhos da disciplina e que ajudaram a modificar a estrutura da mesma nas escolas foi a chegada da nova lei de diretrizes e bases da educação nacional, a LDB, em 1996.

Para além das disputas externas e internas acerca do ensino de História, Luiz Fernando Cerrri nos lembra de mais uma batalha, o objetivo do ensino de História. Segundo o autor, o objetivo dos

professores de História ultrapassa o clássico “formar cidadãos”. Dessa forma, é preciso ir além e mostrar a historicidade das ações e do comportamento humano no tempo, pois somente assim nós professores conseguiremos formar cidadãos.

Não basta mostrar conteúdos, questioná-los e apresentar pontos de vista diferentes sobre um determinado acontecimento histórico. O uso de documentos históricos em sala de aula pode contribuir para que o aluno compreenda os sentidos da história, percebendo ela como uma construção e não como versão única dos acontecimentos e detentora da verdade. (SEFFNER, 2008, p.126.). As pesquisadoras Schmidt e Cainelli afirmam que o uso de documentos em sala de aula, pode contribuir para a criação de uma metodologia de ensino. De acordo com elas, o professor deve seguir alguns passos para que a investigação histórica de documentos seja realizada e que o professor “amplie sua própria concepção e o uso do próprio documento”, abrindo a possibilidade para o uso de documentos diversos, para além dos escritos (CAINELLI, 2009, p. 117).

O contato dos alunos com as fontes, sempre que possível, é essencial, pois possibilita aos alunos a experiência de ouvir representações do passado no lugar de ler uma das interpretações possíveis que o livro didático apresenta ou da interpretação dos professores. Desta forma, é possível construir diretamente com o aluno as mudanças de perspectivas ao longo do tempo se utilizarmos essas fontes e compararmos com os discursos apresentados no presente. Este é o momento de construção conjunta entre alunos e professores, onde o professor deixa de ser o detentor do conhecimento e se torna um mediador. (SCHIMIDT, apud, SANTOS, p.2)

Um dos objetivos do uso de fontes é justamente provocar a aproximação dos alunos com perspectivas diferentes, conflitantes ou não, sobre o conteúdo estudado. E colocá-los frente a frente com outros lugares de fala para que compreendam o período estudado a partir da fala dos sujeitos envolvidos diretamente com o contexto. Para isso, foram desenvolvidas algumas estratégias que possibilitassem aos alunos obterem não apenas uma nova maneira de compreender os fatos, mas também, de compreender as dinâmicas que envolvem a produção e narrativas dos fatos históricos. O estudo direto com os documentos favorece essa compreensão, pois, apresenta maior diversidade de elementos envolvidos no fato histórico em si, implicando no conhecimento das intenções dos personagens envolvidos, do contexto histórico vivenciado e dos reflexos e desdobramentos dos discursos produzidos em outras épocas. Dessa forma, Guimarães afirma que o

aluno assume um papel mais ativo no processo de ensino aprendizagem, pois, constrói através da pesquisa histórica o conhecimento histórico escolar em conjunto com o professor. Nesse sentido, o uso de novas fontes no ensino de história torna-se um ponto positivo, dentre as quais pode-se considerar a música que apresenta forte potencial para a história na sala de aula.

Entendendo a canção como parte integrante da vida da maioria dos jovens estudantes, utilizá-la como fonte se apresentou uma estratégia eficiente de aproximação entre o aluno e o estudo da História a partir da identificação e significação que os próprios adolescentes possuem dessa linguagem, e de um aprimoramento da capacidade de compreensão e formação do conhecimento histórico dos alunos. Assim como muitas vezes eles se vêm representados em determinadas canções, em outras épocas, esta mesma ideia se fez como instrumento de expressão dentro de seus contextos históricos.

Para além da minha própria experiência, já citada anteriormente, outros historiadores realizam pesquisas sobre esta prática e apontam para alguns resultados interessantes. Este é o caso da pesquisa realizada por Luciano de Azambuja que está pautada na perspectiva da Educação Histórica, teoria que parte do princípio no qual os indivíduos são constituídos de saberes advindos de suas experiências práticas, que ultrapassam os limites da sala de aula, e assim colaboram na construção e no desenvolvimento de conceitos históricos. (AZAMBUJA, 2014, p. 2)

De acordo com a pesquisa deste autor, a maioria dos alunos entrevistados concordam que é possível estudar história através da canção e nos trechos demonstrados no texto aparecem algumas vezes as referências ao período da ditadura militar. Nos relatos, os estudantes entrevistados mostram que a canção é uma forma de conhecer a cultura de outros tempos e de conhecer a época da qual a mesma se refere. (AZAMBUJA, 2014, p.12.)

O ponto que mais chama a atenção, na pesquisa em questão, foram as razões pelas quais os jovens acreditam que é possível estudar história através da “música”. Dessa forma, Azambuja diz que,

[...] seis alunos (26%) não responderam; oito alunos (34%) argumentaram que a música pode ser usada em aulas de História porque desperta o interesse, estimula a concentração e atenção, tornando as aulas mais divertidas, descontraídas e atraentes; oito alunos (34%) sustentaram que a

música facilita a aprendizagem e memorização de conteúdos porque se utiliza de novos métodos e abordagens para as aulas de História; cinco alunos (21%) justificaram o uso de músicas por que constituem fontes históricas que permitem estabelecer relações entre música e história. (AZAMBUJA, 2014, p.13)

Ou seja, as impressões que a experiência profissional me possibilitou ter, não estão distantes da perspectiva de outros jovens em outras regiões do país, evidenciando que há demanda para o uso de canções no ensino de história, tanto como fonte, no qual o aluno se debruça sobre a canção para “desvendar” a história, quanto como metodologia, onde o professor utiliza a canção para discorrer sobre os contextos históricos. Azambuja nos coloca que:

A música, a canção popular, e mais especificamente, a fonte canção, pode (e deve) ser usada em aulas de História; deve em função do reconhecido e recorrente desinteresse dos jovens alunos pelas aulas de História, e entre parênteses, para evitar argumentações prescritivas. A canção popular constitui um artefato estético da indústria cultural fonográfica que pode ser apropriado enquanto fonte histórica e/ou recurso didático nos processos de ensino e aprendizagem histórica. Qualquer canção popular pode ser usada em aulas de História; depende da temática e do problema que se queira abordar e das informações possíveis de se extrair de determinadas fontes; qualquer canção pode ser usada em aulas de História, pois já é em si evidência de um processo concreto ocorrido na sucessão do tempo, apesar de que nem todo fato ocorrido no tempo torna-se necessariamente histórico. Histórico não é o que está morto e esquecido no passado, mas o que permanece vivo na memória do presente, e é capaz de orientar expectativas de futuro. (AZAMBUJA, 2014, p.18.)

E é a partir desta perspectiva que aponto para a necessidade de buscar formas e estratégias para o uso da canção de forma que contribua com o processo de aprendizagem dos alunos.

O trabalho realizado por Cilésia Lemos, em uma escola estadual da cidade de Viçosa – MG, com alunos de nono ano do ensino fundamental, que consiste em um relato sobre o uso de canções no ensino de história, através de experiências realizadas no PIBIDI¹, também partilha do mesmo ponto de vista de Azambuja. Em seu trabalho foram utilizadas canções de Noel Rosa para trabalhar com os alunos as transformações ocorridas no início da república brasileira, com o objetivo de suscitar o debate e a criticidade dos alunos em relação ao tema, bem como apresentar as contradições, problemáticas e consequências da modernização, pautada nos moldes europeus, na realidade de um país essencialmente agrário, como era o Brasil na chamada República Velha. (LEMOS, 2012, p.1 e 7) A metodologia utilizada pela autora consistiu em diferentes etapas. Em um primeiro momento os professores realizaram uma escolha prévia das canções que seriam utilizadas com os alunos em sala de aula e posteriormente houve a contextualização através de aula expositiva, apresentando os movimentos sociais da época e as reformas urbanas. Após isto, foi entregue o material de apoio aos alunos (letra, áudio, estudos sobre as canções e roteiro de atividades) para que os alunos pudessem ter maiores informações a respeito das canções utilizadas. Dada a realização da análise das canções pelos alunos com ênfase na identificação dos temas e na relação com o período estudado, houve um debate entre os alunos e professores. E, para finalizar, foi proposto como atividade de pesquisa com as canções atuais que retratassem mudanças na sociedade brasileira e realização de uma análise comparativa entre as canções e os contextos. (LEMOS, 2012, p.7-9)

Como resultado obtido pelo grupo foram apontados a maior participação dos alunos na atividade em sala de aula e o fato dos alunos, em suas conclusões, identificarem os temas que foram expostos antes da apresentação das canções, no entanto é relatado que nem todos os alunos realizaram a atividade final. Os que realizaram apresentaram canções de ritmos diversificados, como rap e funk, pois segundo eles, seriam os ritmos que se aproximam das populações mais pobres.

A autora credita o sucesso da experiência ao fato dos alunos terem conseguido identificar os processos históricos do passado e do presente através das canções e, conseqüentemente, percebido a canção como fonte histórica. Sendo assim, uma das conclusões da autora é que:

¹ programa gerenciado pela CAPES que atua nas escolas públicas com o objetivo de aproximar os alunos de licenciatura ao cotidiano escolar.

As músicas podem ser usadas como fontes históricas, e abranger de tal forma que podemos trabalhá-las em sala de aula para compreender as permanências e as transformações do pensamento de um determinado período histórico. (LEMOS, p.10)

É possível estabelecer um paralelo entre a experiência em que realizei e que serve de objeto de estudo para este trabalho e o relato de Lemos. Ambos os relatos apontam para uma maior compreensão por parte do aluno através do uso de canções nas aulas, ainda que as experiências tenham pontos de partidas diferentes. No entanto, a metodologia de Lemos realiza uma contextualização prévia, o que já entrega ao aluno parte do que viria ser a descoberta dele através da pesquisa, enquanto que a experiência deste trabalho defende que a contextualização deve ser construída a partir das canções, dessa forma enriquecendo ainda mais o processo de desenvolvimento do conhecimento histórico. Outro ponto que precisa ser pensado é que os impactos causados pelas produções musicais variam de acordo com o tempo em questão, no caso específico da ditadura militar é preciso compreendê-lo como um momento em que a produção musical possuía uma forte conotação política e social, portanto, analisar as canções dessa época é pensar também na intencionalidade de sua criação.

De acordo com Hermeto, as canções podem e devem ser vistas, como resposta para indagações sobre o período da ditadura militar, tendo em vista que esta foi uma das grandes formas de expressão da época (HERMETO, 2012, p.29). Assim, a autora nos diz que:

A análise dos documentos-canções pode ser uma opção para responder a esse problema histórico- assim como os periódicos da imprensa alternativa, os documentos dos arquivos da repressão e tantas outras fontes. (HERMETO, 2012, p.29)

A partir das perspectivas debatidas até este momento, o próximo ponto do trabalho se atém às experiências realizadas com duas turmas, do nono ano do ensino fundamental, da Escola da Ilha, onde leciono atualmente, mas que ocorreram em dois momentos diferentes, a primeira no ano de 2015 e a segunda no ano posterior, e com estratégias de uso das canções de maneiras diferentes.

2. OS CAMINHOS METODOLÓGICOS UTILIZADOS: UMA EXPERIÊNCIA REALIZADA NO ENSINO PRIVADO DE FLORIANÓPOLIS.

A experiência apresentada nesse capítulo, foi realizada com os alunos do 9º ano do ensino fundamental, durante o ano de 2016, na Escola da Ilha. Esta escola faz parte da rede privada de ensino no município de Florianópolis e abarca um público com um perfil socioeconômico médio/alto, na qual a maioria são filhos e filhas de funcionários públicos, empresários e profissionais liberais. A escola conta com uma boa estrutura para realizar atividades que envolvam o uso de internet e aparelhos eletrônicos, como projetores e computadores. Além disso, os alunos têm facilidade de lidar com os mecanismos de pesquisa virtuais pois estão cotidianamente utilizando aparelhos eletrônicos e realizando buscas sobre diversos assuntos no universo virtual, mesmo em sala de aula, onde há abertura para que eles utilizem os celulares, quando este uso é permitido pelos professores. É preciso ressaltar também que o público da escola está inserido em uma realidade social e cultural diferenciada de outras escolas, pois têm a possibilidade de viajar para diversos lugares e frequentar ambientes, que dentro da sociedade na qual vivemos, infelizmente ainda são privilégio para poucos. A escola propõe um sistema de ensino que dê conta tanto de atender a demanda de vestibulares quanto promover uma educação humanista, para isso estabelece projetos e disciplinas como aulas de música e artes desde o ensino infantil até o final do ensino médio, assim como de filosofia desde o 2º ano do fundamental 1. Além de incentivar os trabalhos interdisciplinares em todos os níveis de ensino e propor desenvolvimento de projetos temáticos nos segmentos do infantil e fundamental 1. Outra característica forte da escola é a educação inclusiva. Neste aspecto a escola se tornou uma referência no trabalho que procura desenvolver com os alunos promovendo a inclusão no cotidiano escolar e não apenas na adaptação de conteúdo.

2.1 RECORTE NO TEMPO E NO ESPAÇO

Para realizar as atividades em sala de aula a minha escolha no recorte temporal foi o do período da ditadura militar no Brasil, entre os anos de 1964 e 1985. Particularmente meu interesse por este período se dá desde a graduação no curso de História, na qual o tema do trabalho de conclusão de curso debateu o movimento tropicalista.

A partir da metade da década de 1960, o Brasil estava sob o domínio dos militares. Com a implantação do AI-5, em 68, o universo cultural se vê numa situação delicada, devido à constante vigilância por parte dos órgãos de censura do governo. Desde 1964, os órgãos de inteligência do governo que exerciam constante vigilância sobre as produções culturais e artísticas, bem como daqueles que eram considerados suspeitos de subversão à ordem social. A “produção da suspeita”, como diz Marcos Napolitano, era uma espécie de fábrica de justificativas para suas desconfianças, independente de estas serem coerentes. Desde que fossem eficazes, os mecanismos dessa produção eram aplicados, principalmente, no ambiente cultural e artístico, considerados o foco da subversão. (NAPOLITANO, 2004, p.104)

Para os militantes do meio cultural, a grande preocupação era com a censura, como driblar os agentes da inteligência do governo? Descobrir uma maneira de ultrapassar os órgãos do governo e ser entendido pelos ouvintes, era o desafio a ser superado.

Durante a década de 1970, o cenário musical foi marcado pelas transformações do mercado fonográfico e do modo de fazer música. Enquanto o cenário político e social da década de 1960 proporcionou um turbilhão de acontecimentos, na década de 1970, o contexto era outro. O país estava passando por uma crise econômica que forçou a indústria fonográfica a ficar mais cautelosa, além disso, não dá para esquecer que o AI-5 ainda estava em vigor e que muitos dos artistas permaneciam exilados e o processo de abertura política só iria acontecer no final da década (NAPOLITANO, 2005, p.71 e 72). O que não anula a diversidade musical do período. Neste cenário, as canções de protesto dividiram espaço com canções de diversas possibilidades estéticas e sonoras como o Tropicalismo, a MPB, as vertentes do samba, Secos & Molhados e Novos Baianos, as canções românticas, entre tantos outros exemplos (HERMETO, 2012, p. 130).

Ao final do regime militar e ultrapassando os limites da década de 1980, o rock nacional ganhou destaque no cenário cultural. De acordo com Santuza Cambraia Naves,

“Em breve resumo, o rock brasileiro dos anos 80 se inspirou nos motes do punk anglo-americano: o desprezo de um apuro tecnoformal da música – qualquer um poderia constituir uma banda de rock – e o culto antiestrelismo, de abolição da distância entre artista e público.” (NAVES, 2010, p. 122)

Para Naves, a simplicidade entendida como valorização do improviso e sem exigência técnica, com o objetivo de aproximação com o público, foi um dos fatores que possibilitou o sucesso deste gênero. Sem perder de vista que estas características estavam inseridas no contexto histórico de abertura política, na qual as letras irreverentes atendiam as demandas do período.

Esta diversidade de produção musical ao longo de todo o regime militar se coloca com um desafio ao pretender fazer usos das canções deste período em sala de aula, tendo em vista as variantes de interpretações e possibilidades existentes. Mas foi justamente esse desafio que me impulsionou a escolher este período para trabalhar com os alunos, pois assim seria possível demonstrar aos alunos a pluralidade de discursos dentro de um determinado contexto histórico.

2.2 OS PERCURSOS METODOLÓGICOS E A ATIVIDADE EM SALA DE AULA COM AS CANÇÕES.

O objetivo de relatar, descritivamente, a experiência do uso de canções em sala de aula com alunos para falar sobre a ditadura militar é demonstrar as escolhas feitas, os caminhos percorridos e as dificuldades encontradas no decorrer do percurso para outros professores que queiram se utilizar desses mesmos meios.

Este relato também serve para demonstrar qual foi o ponto de partida para a elaboração da proposta apresentada ao final deste capítulo. Esta experiência serviu de laboratório para pensar quais pontos poderiam melhorar, quais poderiam ser mantidos, e de que maneira isso contribuiu com a dinâmica da aula. Para isso será apresentado o passo-a-passo de cada atividade proposta para os alunos, os roteiros e as metodologias utilizadas em cada etapa.

O trabalho foi realizado com uma turma de 9º ano do ensino fundamental, na Escola da Ilha, citada anteriormente, no primeiro semestre de 2016. Nesta ocasião, já havia sido realizada outra experiência com uma turma do ano anterior e que serviu de base para esta, como no ano anterior não foram feitos registros sistemáticos e detalhados, não seria satisfatório descrevê-la neste trabalho, por isso ela será apenas citada em alguns pontos que foram realizadas mudanças significativas para esta realizada em 2016.

A primeira modificação feita foi na forma de iniciar a atividade com os alunos. Ao invés de iniciar o conteúdo com uma aula expositiva sobre as relações entre música e história, como foi realizado em 2015, este debate foi apresentado após a audição de uma canção

contemporânea pertencente ao universo jovem. Esta canção foi pré-selecionada de acordo com o que eu já havia presenciado no cotidiano deles na escola, onde muitos deles escutavam e cantavam pelos corredores. Ainda que alguns não a escutassem cotidianamente em suas casas ou fora do espaço escolar, foi uma a canção que tinha alcançado grande repercussão na mídia e nas redes sociais, circulava bastante entre diversos grupos da escola e, portanto, de alguma maneira era conhecida pelos alunos.

Podemos considerar que o primeiro passo foi a exposição audiovisual do clipe da música “24h por dia” da cantora Ludmilla e foi pedido que eles prestassem atenção nos aspectos sonoros, na letra e em todos os detalhes do clipe, desde as posturas corporais, ritmo, vestuário e letra, que segue abaixo.

Refrão I:

Tu não tem nada pra fazer
 E fica nessa agonia
 Fala de mim, pensa em mim
 24 horas por dia
 Só sabe meu primeiro nome
 E acha que me conhece
 Olha se põe no seu lugar
 Vê se comigo não se mete
 Faz carinha feia quando passa do meu lado
 Ainda por cima baba, me olhando de cima a baixo
 Novinho ficou maluco, até parou no tempo
 Quando eu mandei quadradinho
 Mostrando o meu talento

Refrão II:

Calça apertada, bunda empinada
 Dez vezes melhor que a sua namorada

Para tudo, pego no copo com a unha decorada
 O mandada safadinha eu já descobri seu truque
 Pra saber da minha vida, não sai do meu Facebook

(Refrão I)

Só sabe meu primeiro nome
 E acha que me conhece
 Olha se põe no seu lugar

Vê se comigo não se mete
 Faz carinha feia quando passa do meu lado
 Ainda por cima baba, me olhando de cima a baixo
 Novinho ficou maluco, até parou no tempo
 Quando eu mandei quadradinho
 Mostrando o meu talento

(Refrão I e Refrão II).

Ao fim da exibição seguiu a explicação de como a música pode ser usada para compreender a sociedade e o tempo em que vivemos atualmente, ou seja, como utilizá-la como fonte histórica a partir dos questionamentos feitos a essa canção e as informações que ela pode transmitir. E desta forma, provocar os alunos a perceberem a proximidade entre o que estava exposto na canção e o que eles reconhecem como elementos comuns de suas próprias vivências e cotidiano. Conforme os alunos estabeleciam identificações era explicado que os vestígios deixados pelos seres humanos ao longo do tempo, tal qual a canção que eles tinham acabado de ouvir, poderiam se tornar uma fonte histórica a partir de perguntas estabelecidas a estes vestígios.

A maioria dos alunos ficou surpresos no início da aula quando viram que eu estava colocando este clipe e começaram a perguntar se eu “estava bem”, se eu não tinha errado o nome da música ou qual era o tema da aula. Aos poucos fui explicando as razões da escolha e os motivos pelos quais eles estavam assistindo ao clipe e apontando nas direções que os levassem a perceber como aquela canção poderia fazê-los compreender a sociedade ao redor deles.

O objetivo desta dinâmica inicial era fazer com que os próprios alunos percebessem as conexões possíveis entre a canção que eles haviam acabado de ouvir e o mundo no qual eles vivem. Não apenas utilizar a canção como um exemplo da sociedade atual, mas provocar os alunos a perguntarem pra própria canção o que ela poderia dizer sobre esse tempo de hoje. Recorrendo ao que Seffner aponta como não utilizar o documento histórico em sala de aula apenas como exemplificação ou confirmação de uma teoria, mas problematizá-lo. (SEFFNER, 2008, p.123)

Além disso, pedir que prestassem atenção no visual, ritmo, letras e demais detalhes que conseguissem, foi possível mostrar na prática, de maneira mais visível, para os alunos que uma “música” não é só a letra, mas que existem um conjunto de dimensões a serem analisadas conjuntamente, como sugere Hermeto:

“Quando um professor seleciona determinado documento para compor seu planejamento didático, apresentando-o aos alunos, é fundamental que analise suas várias dimensões. Pode utilizar-se do que informam as diferentes dimensões de um documento para identificar algumas ‘chaves de interpretação’ histórica. Identificando-as, pode desenvolver estratégias e instrumentos didáticos que permitam aos estudantes interagir melhor com a narrativa histórica, de maneira que eles o compreendam como produto de uma dada cultura e um dado contexto histórico.” (HERMETO, 2012, p. 142)

Ao final da exibição foi realizada um processo de análise da canção, que pode parecer simples, mas que os alunos nunca tinham realizado, como por exemplo, perceber a temporalidade da canção através dos instrumentos utilizados e de algumas referências as redes sociais. Além disso, foi possível estabelecer junto com eles uma relação com os debates atuais referentes as questões de gênero através de algumas expressões contidas na letra da canção.

Para instigar os alunos elaborei previamente um roteiro de questões que eles responderiam oralmente e suas respostas seriam anotadas no quadro para que todos pudessem visualizar os posicionamentos de cada um. Esta dinâmica foi outra mudança em relação a experiência anterior, na qual as impressões eram anotadas individualmente no caderno. O registro no quadro contribuiu para que os alunos não se dispersassem e mantivessem a atenção uns nos outros e no debate. Este roteiro não foi apresentado aos alunos, apenas foi utilizado para guiar a dinâmica e se baseava nos seguintes pontos-chaves: biografia, musicalidade, letra, recepção e contextualização.

No primeiro questionamento relacionado a biografia da cantora foi perguntado aos alunos “quem era a cantora? Quais as origens? Como se apresenta? Como ficou conhecida? O que saber da vida dela influenciaria na forma como ouvimos a canção?”. Como eles não a conheciam o suficiente para responder essas questões, permiti que utilizassem seus celulares para pesquisarem e aos poucos foram construindo o “perfil” da cantora no quadro. O primeiro ponto a ressaltar neste quesito foi perceber que os alunos, apesar de conhecerem a música, pouquíssimo sabiam sobre a história de vida da cantora, demonstrando a necessidade de chamar a atenção para a importância de

saber quem é o interlocutor e o que ele representa no discurso da canção. Esta pequena sondagem contribuiria para a identificação da dimensão explicativa apontada por Hermeto, na qual se relaciona diretamente com o lugar social da produção e a versão histórica apresentada. (HERMETO, 2012, p.146)

A indagação seguinte foi sobre os aspectos específicos da musicalidade, questionando os alunos sobre o que eles percebiam do ritmo, se identificavam os instrumentos e qual a sensação que eles tinham ao ouvir a canção. Eles destacaram o ritmo acelerado, que impulsiona eles a dançarem mesmo que não gostassem da letra; apontaram também para a repetição do refrão e chamaram de música “chiclete”, ou seja, aquele tipo de música que não sai da cabeça depois que se ouve. E ainda disseram que isso poderia ser uma estratégia para que as pessoas aprendessem a música e assim se tornasse um sucesso mais rápido. Neste momento foi destacado a questão da tecnologia presente na canção, o uso de equipamentos eletrônicos para a mixagem, por exemplo. Este momento serviu como identificação para a dimensão sensível, que se refere aos sentimentos provocados pelo documento histórico, e, pela dimensão material, que permite identificar os suportes e recursos utilizados na produção do documento histórico. (HERMETO, 2012, p.144 e 147)

O próximo item debatido foi a letra, com foco nas mensagens transmitidas, no vocabulário utilizado e nos temas abordados. Os alunos destacaram o uso da internet na vida cotidiana, identificado no uso do termo “facebook”; a relação entre homens e mulheres e, mulheres e mulheres, presentes nos trechos “vê se comigo não se mete”, “novinho ficou maluco, até parou no tempo”, “só sabe meu primeiro nome e acha que me conhece”, entre outras passagens citadas pelos alunos; a postura corporal e o uso do corpo como forma de poder, apresentados nos versos “calça apertada, bunda empinada, dez vezes melhor que a sua namorada” e “quando eu mandei quadradinho mostrando o meu talento” e, a falta de privacidade provocada pelas redes sociais, estabelecendo um paralelo com o que foi dito na canção e o próprio cotidiano. Foi possível a partir desse momento estabelecer as primeiras relações entre a sonoridade e a letra, um dos exemplos foi que enquanto a letra falava do uso do corpo, os alunos já haviam ressaltado que o ritmo os levava a se expressar corporalmente e dançar, e era possível visualizar esta prática no clipe. Portanto é possível apontar este momento como a identificação das dimensões descritiva, a qual trata do tema abordado pelo documento histórico, enquanto a dimensão analógica que apresenta as referências culturais utilizadas (HERMETO, 2012, p. 145 e 147)

Em seguida, foi debatido a questão da recepção, ou seja, qual o público a que se direciona, quem são as pessoas que eles consideravam que ouviam aquela canção, quais os suportes utilizados para divulgação e quais meios de comunicação a canção circula. Eles identificaram que era uma canção era voltada para adolescentes e jovens adultos e que tinha como suporte e meio de propagação principal a internet e a televisão. Demonstrando as questões atuais da sociedade, o uso constante das redes sociais e aplicativos musicais que estão presentes no cotidiano das pessoas atualmente.

Para finalizar o momento de análise da canção, que eles estavam realizando mesmo que sem perceber, foi abordado a questão das características do tempo e da sociedade presentes na canção, pensando todos os aspectos que tinham sido debatidos até aquele momento. O ponto mais evidente para os alunos foi o uso das redes sociais como algo comum na vida das pessoas e nas relações entre os indivíduos. Mas apontaram também para o uso da música eletrônica como marca dos dias atuais, a divulgação via internet e o uso das redes sociais, canais online como youtube e aplicativos utilizados nos telefones celulares como forma de conhecer novas músicas. Nos dois últimos momentos de análise foi possível identificar como as dimensões propostas por Hermeto se apresentam de forma diluída e interlaçadas através de perguntas simples, mas que provocam a problematização do documento histórico, sugerida por Seffner, citado anteriormente.

Aa primeira etapa da atividade foi finalizada com a colocação do seguinte questionamento para a turma: “De que maneira é possível estudar história com música e entender as características da sociedade através delas?” Todos os alunos afirmaram que era possível e nesse momento uma das alunas comentou: “nunca pensei tanto sobre essa música” e alguns alunos que inicialmente comentaram que não gostavam da música já estavam debatendo entre eles sobre a canção e sobre os pontos que haviam sido levantados até aquele momento. Algo interessante a ser ressaltado é que todos os alunos ao final do debate não mais estabeleciam juízo de valores ao falar da canção, ao longo da dinâmica foram deixando seus gostos pessoais em segundo plano e ao final concluíram que independente do gosto musical que tivessem era possível compreender que ela transmitia informações necessárias para a compreensão da sociedade atual.

Após o debate realizado a estratégia utilizada para dar início a segunda etapa foi comunicar aos alunos que o trabalho do bimestre seria baseado no exercício que eles tinham acabado de fazer, mas que o período a ser estudado seria o da ditadura militar a partir das canções da

época. E que para auxiliá-los, usaria uma canção da época para fazer uma análise comparativa rapidamente, apenas para que eles pudessem perceber que o mesmo exercício realizado com a canção da Ludmilla poderia ser feito com qualquer outra canção, independentemente do tempo histórico. Para essa atividade foi utilizada a canção “Pare de tomar a pílula” de Odair José, sob a lógica de ser uma canção que também fala de comportamento social. Segue abaixo a letra da canção.

Já nem sei há quanto tempo
nossa vida é uma vida só
e nada mais

Nossos dias vão passando
e você sempre deixando
tudo pra depois
Todo dia a gente ama
mais você não quer deixar nascer
o fruto desse amor

Não entende que é preciso
ter alguém em nossa vida
seja como for
Você diz que me adora
que tudo nessa vida sou eu
então eu quero ver você
esperando um filho meu
então eu quero ver você
esperando um filho meu

Refrão:

Pare de tomar a pílula (3x)
Porque ela não deixa o nosso filho nascer

Você diz que me adora
Que tudo nessa vida sou eu
Então eu quero ver você
Esperando um filho meu
Então eu quero ver você
Esperando um filho meu

(Refrão).

A turma se envolveu bastante com a canção, inclusive cantando o refrão junto e movimentando os braços. Neste momento foi possível constatar que um dos objetivos desejados para a atividade tinha sido alcançado, que era despertar o interesse do aluno para a atividade proposta.

Alguns alunos rapidamente começaram a relacionar a letra da canção com o comportamento da época, questionando se o uso do anticoncepcional já era permitido naquele período e se as mulheres tinham acesso ao medicamento. Outros falaram dos instrumentos utilizados e perguntaram sobre o uso da bateria na época e questionaram se isso era uma novidade ou já era comum entre as bandas. Perguntaram também de quando era a canção e quem era aquele cantor porque eles nunca tinham visto ele antes, se ele era conhecido no período ou não. Ou seja, em um primeiro momento a participação dos alunos foi extremamente satisfatória e o resultado obtido com a dinâmica anterior possibilitou evidenciá-la como estratégia fundamental na construção da proposta final para este trabalho.

Como havia pouco tempo para acabar a aula, perguntei se eles haviam entendido o processo e todos afirmaram que sim. Em seguida, pedi para que eles trouxessem para a aula seguinte três canções que estivessem dentro do período de duração da ditadura militar e que justificassem a escolha. A única informação dada aos alunos a respeito do período foi a cronologia de duração do regime militar no Brasil para que eles pudessem pesquisar dentro do recorte temporal estabelecido oficialmente.

Para que as reações e encaminhamentos da atividade não se perdessem na memória e pudessem ser aproveitadas qualitativamente para a construção da proposta final, estabeleci uma espécie de diário de anotações no qual fui preenchendo com as observações referentes ao processo, no final de cada aula dada. Neste primeiro momento o que pude observar e considerar como fundamental foi que anotar as respostas deles no quadro foi de extrema importância, pois todos conseguiram visualizar com mais facilidade o que o colega estava falando e ao final puderam ter uma visão mais ampla sobre o debate. Foi preciso reforçar que quando se estuda história através da canção é preciso ter cuidado com os nossos juízos de valores e reafirmar que independente do nosso gosto, é possível analisar e estudar qualquer produção musical. As reações de estranhamento por parte de alguns alunos por eu estar utilizando um funk no início da aula foi esclarecedora para que eu me atentasse em realizar essa pontuação com eles, algo que eu não havia previsto no meu planejamento. A respeito

das questões que envolvem o tempo da aula que tem a duração de 50 minutos foi adequado, apesar de ter ficado um pouco corrido no final. Por isso é importante prever o tempo gasto para realizar as atividades cotidianas da rotina escolar como: realização da chamada, ligar o projetor, realizar as anotações referentes a aula no “diário” e pensar nas variações de duração de aula considerando que podem ser de 40 a 50 minutos dependendo da cidade ou escola.

Ainda que pudesse ter aprofundado mais o debate sobre a canção de Odair José e estendesse um pouco mais a aula, o exercício da primeira análise com a canção de Ludmilla, realizado mais calmamente, foi suficiente para perceber já no início da segunda análise que os alunos tinham compreendido de maneira satisfatória a ponto de dar continuidade e passar para a etapa seguinte. Novamente é preciso pensar que esta variante não é aplicável a todas as escolas e turmas, em alguns casos a dinâmica pode ocorrer mais rapidamente e em outros mais lentamente, por isso cabe ao professor estabelecer em seu planejamento o tempo que considerar mais adequado de acordo com o perfil da turma que irá trabalhar.

Como pontos altos até este momento, destacaria o uso de uma canção atual para iniciar o processo de análise e, a partir desta percepção musical iniciar o processo de compreensão do contexto histórico trabalhado. Quando comparada a experiência do ano anterior é possível destacar o maior interesse dos alunos e maior envolvimento com a atividade. O ponto de maior atenção a ser considerado é a manutenção do foco dos alunos. Enquanto os alunos demonstraram interesse, em diversos momentos alguns alunos também se dispersavam entre os comentários e acabavam perdendo o foco da análise ou dispersando os que estavam com mais dificuldade. Ou seja, as atividades precisam ser dinâmicas, mas não podem durar muitas aulas porque para eles pode se tornar cansativo e desinteressante, ainda que gostem da proposta. Manter o equilíbrio entre não podar o desenvolvimento de raciocínio de uns e incentivar a criatividade, sem que se torne monótono para outros, é mais um desafio da atividade.

A segunda aula foi planejada para a exposição das canções que os alunos tinham como tarefa pesquisar em casa. Cada aluno deveria trazer para a aula três canções que estivessem dentro do recorte temporal estabelecido em sala, a quantidade exigida partiu do pressuposto de que isso poderia estimular os alunos a ouvirem mais canções ou pesquisarem um pouco além do que o necessário para apenas uma canção. No entanto, o risco era que muitos trouxessem as mesmas canções que os demais colegas. De uma turma de 18 alunos, 14 deles apresentaram as

canções, sendo que dois alunos faltaram no dia, o que demonstrou o envolvimento dos alunos com a atividade, pois não é comum dessa turma, especificamente, que a ampla maioria realize as tarefas propostas quando estas não são escritas no caderno ou do livro didático que estejam relacionadas ao conteúdo de prova ou atividades avaliativas.

Cada aluno apresentou quais eram as canções que eles haviam escolhido e os motivos da escolha. Nesse momento a turma ficou bem dividida, alguns acolheram sugestões dos pais, destas as mais citadas foram “Cálice” e “Apesar de você”, ambas cantadas por Chico Buarque, e, “Alegria, alegria” cantada por Caetano Veloso, mas também foram citadas “BR-3”, cantada por Toni Tornado e “Mosca na sopa”, de Raul Seixas. Outros apenas pesquisaram na internet e escolheram as que gostaram mais ou a que o título chamou atenção, foi o caso de “Que as crianças cantem livres”, do Taiguara, “Que país é esse?” do grupo Legião Urbana, “Pro dia nascer feliz”, cantada por Cazuzza, “Eu sou terrível” do Roberto Carlos, “É proibido proibir”, de Caetano Veloso entre outras. E, outros escolheram músicas que já conheciam porque tinham o hábito de ouvir em casa com os pais, como as canções do Chico Buarque, já citadas, e “O bêbado e o equilibrista”, cantada por Elis Regina, “Sinal aberto”, do Paulinho da Viola e “Roque Santeiro”, que fazia parte da trilha sonora da novela Roque Santeiro, que teve sua primeira versão censurada.

Conforme os alunos falavam tudo era registrado no quadro para que todos vissem e conforme as canções se repetiam, eram assinaladas para marcar as repetições. No total foram 24 canções diferentes trazidas pelos alunos. Ao final da exposição foi perguntado se todos conheciam no mínimo entre 5 e 10 das canções apresentadas pelos colegas e a maioria respondeu que sim. Três alunos conheciam mais de 10 e apenas 1 aluna não conhecia nenhuma delas. As canções eleitas como as mais conhecidas foram “Que país é esse?”, “Pra dizer que não falei das flores”, “Cálice”, “Como nossos pais” e “Pro dia nascer feliz” e “Geração Coca-Cola”.

O passo seguinte foi dividir a turma em duplas, tendo em vista que a turma possui poucos alunos, para iniciar o trabalho de pesquisa e análise. Foi explicado que cada dupla faria o trabalho utilizando duas canções, uma selecionada por eles e outra por mim e que eles teriam até 15 minutos para decidirem entre eles qual seria a opção, considerando que não havia obrigatoriedade de ser a que os membros da dupla trouxeram, ou seja, eles poderiam escolher qualquer uma que estivesse exposta no quadro. O tempo disponibilizado foi para que eles escutassem no próprio telefone, através da internet, alguma que o título

pudesse ter chamado a atenção, mas eles não conheciam. Realizadas as escolhas deles, designei a segunda canção a partir da lista que eu havia preparado previamente com canções que variavam em temáticas e gêneros e que estavam dentro da temporalidade delimitada. Não houve um único critério utilizado para complementar as fontes que a dupla teria disponível, em alguns casos a segunda canção foi pensada na perspectiva de que na medida do possível os temas das duas canções dialogassem entre si, pela temporalidade de produção, por estilos/gêneros musicais e por apresentarem perspectivas e temas diferentes da primeira escolha.

As canções utilizadas foram:

Quadro 1- Canções utilizadas.

Título	Autor/Intérprete	Ano
Ponteio	Edu Lobo	1967
Parque industrial	Tom Zé/Mutantes	1968
Balada do louco	Ney Matogrosso/Mutantes	1972
Comportamento geral	Gonzaguinha	1973
Ouro de tolo	Raul Seixas	1973
Meu caro amigo	Chico Buarque	1976
Apesar de você	Chico Buarque	1978
Geração Coca-Cola	Legião Urbana	1985
Televisão	Titãs	1985

Fonte: Produzido pela própria autora, 2017.

O objetivo de ter duas canções analisadas pelos estudantes foi proporcionar uma multiplicidade de análises e a construção do contexto a partir de diversos olhares e diferentes perspectivas. Ao contrário do que o esperado, não houve resistência por parte dos alunos às minhas sugestões, as canções que eles não conheciam despertou curiosidade e logo foram buscar no telefone para ouvir. Em outros momentos, como na primeira experiência relatada neste trabalho, os alunos costumavam não se interessar muito pelas canções pois não se identificam ou consideram antigas demais e reagem de maneira mais resistente a atividade. Finalizada esta etapa os alunos puderam iniciar o trabalho e os procedimentos para realização foram explicados oralmente e também registrados no quadro. Estes procedimentos incluíam o planejamento de todas as aulas até o encerramento do trabalho. A primeira tarefa dos

alunos envolvia a audição das canções e o registro de todas as informações de acordo com o roteiro criado a partir da dinâmica realizada na primeira aula que apresentava três eixos centrais: a biografia dos autores/intérpretes; musicalidade e recepção.

Sobre a biografia, os alunos foram orientados a pesquisar quem eram os cantores, quais as origens, como se apresentavam em público e analisar como o conhecimento sobre essa biografia influenciava na forma como ouvimos a canção. No que se refere a musicalidade, os alunos precisavam identificar os instrumentos através da audição, descrever o ritmo/melodia e qual a sensação sentida por eles ao ouvirem a canção. Para a recepção, deveriam pesquisar em quais meios de comunicação circulavam as canções, se houveram notícias sobre as canções, e se possível, identificar através da percepção deles pela pesquisa biográfica a que grupo social se destinavam as canções.

Essa tarefa foi inicializada em sala para que os alunos pudessem ser auxiliados em caso de dificuldade. Em caso de não concluírem durante a aula poderiam terminar em casa e levar na aula seguinte, que também seria o ponto de partida para a etapa seguinte, que consistia na análise e interpretação da letra e por último o debate e o texto escrito.

A respeito desta aula foi possível observar que sobre as demandas técnicas o tempo utilizado não foi suficiente para realizar a atividade proposta, pois a exposição das canções, as justificativas das escolhas e a explicação das etapas do trabalho absorveram a maior parte da aula e os alunos apenas iniciaram as audições de suas canções, e mesmo podendo fazer em casa, optaram por terminar na outra aula.

Além das observações acima, ressalto os comentários realizados por alguns alunos que relataram ao chegar em casa a experiência da primeira aula e cantando a canção “Pare de tomar a pílula” e quando os pais reconheciam começaram a cantar junto e conversavam sobre o tema da aula, inclusive auxiliando e dando sugestões de canções para eles apresentarem na aula seguinte. Estes comentários podem parecer apenas uma conversa informal, mas aponta para troca de saberes entre os alunos e a família. O que permite refletir sobre possíveis estratégias em práticas futuras que favorecesse ainda mais essa troca de saberes. Uma dessas estratégias poderia ser acrescentar em uma das etapas a elaboração de entrevistas que pudessem ser realizadas com membros da família, o que poderia aumentar o nível de informações obtidas pelos alunos e conseqüentemente aumentar a contribuição para compreensão do contexto histórico.

Sobre as canções pesquisadas, ressalto a diversidade e o fato de alguns apresentarem canções que não são consideradas as “clássicas”

quando se trabalha com o período da ditadura militar, como as canções Herói do medo (Carlos Lyra); Ascender as velas (Zé Keti); Que as crianças cantem livres (Taiguara); Irmãos coragem (Paulinho Tapajós); Perseguição (Sérgio Ricardo); O bem amado (Toquinho e Vinícius) e Sinal fechado (Paulinho da Viola). Muitos comentaram a falta de variedade nos sites e apontaram para o fato de que na maioria dos sites eram citadas as mesmas músicas, como Alegria, alegria (Caetano Veloso), Pra dizer que não falei das flores (Geraldo Vandré), Cálice (Chico Buarque e Gilberto Gil), Apesar de você (Chico Buarque), O bêbado e o equilibrista (Elis Regina), Acordo amor (Chico Buarque), Como nossos pais (Elis Regina) e É proibido proibir (Caetano Veloso). O ponto positivo dessa crítica apresentada pelos alunos foi perceber que eles não se contentaram em pesquisar apenas em um único site e foram buscar informações com os familiares, demonstrando mais uma vez que houve interesse por parte deles em realizar a pesquisa. A importância de ressaltar o interesse dos alunos pela atividade se dá pelo fato que essa era uma das razões para o uso de fontes em sala de aula, despertar o interesse e aumentar o envolvimento dos alunos na disciplina.

Na terceira aula os alunos continuaram a atividade iniciada na aula anterior a partir do roteiro estabelecido, mas com foco apenas nos eixos referentes a biografia e musicalidade e todos os resultados deveriam ser registrados no caderno. Alguns preferiram ir para biblioteca e outros utilizaram os celulares porque consideravam mais fácil ouvir e pesquisar ao mesmo tempo no próprio aparelho. Os alunos realizaram a pesquisa de forma tranquila, sem apresentar muitas dúvidas e debatiam entre eles as sensações que cada um sentia ao ouvir, bem como tiravam dúvidas sobre os instrumentos que não reconheciam.

Ao final foi feito um breve relato de como eles perceberam as canções e o que havia chamado a atenção deles. Os relatos variavam de acordo com o que cada dupla analisava, muitos relacionavam o ritmo com a idade dos ouvintes, para a maioria deles, as músicas mais agitadas transmitem a impressão de que são jovens que escutam e as mais calmas seriam ouvintes mais velhos. As poucas dificuldades apresentadas pelos alunos concentraram-se na pesquisa biográfica, pois alguns não conseguiam localizar muitas informações, para auxiliá-los sugeri que eles pesquisassem no site Dicionário Cravo Albin da Música Brasileira²

² Este projeto surgiu no ano de 1995 no departamento de Letras da PUC-RJ em conjunto com a livraria Francisco Alves Editora e ao longo do tempo foi administrado por diversos órgãos. Maiores informações estão disponíveis em: <http://dicionariompb.com.br>

que se trata de um acervo digital e analógico dedicado a pesquisa sobre Música Popular Brasileira e contém verbetes sobre diversos artistas que compõem o cenário musical brasileiro.

As duas aulas seguintes foram voltadas para a pesquisa e análise da letra e veiculação das canções. O planejamento para essas duas aulas consistiu na divisão entre pesquisa e análise, na qual a primeira aula estava voltada para a pesquisa e a segunda para a análise. Esta divisão foi pensada para que os alunos tivessem mais tempo de debater entre eles e pudessem tirar dúvidas. Para esta etapa foi entregue a eles um roteiro que continha perguntas sobre o suporte das canções, o histórico de participação em festivais, concursos, programas de rádio e televisão ou qualquer outro espaço de divulgação. Mais adiante será demonstrado como o roteiro de pesquisa foi estruturado para os alunos.

No que se refere especificamente as letras, os alunos deveriam analisar o vocabulário utilizado apontando para as dificuldades de compreensão, a simplicidade ou rebuscamento das palavras usadas; se as letras haviam sido alteradas por alguma razão ou reescritas; quais os temas abordados e mensagens transmitidas eles conseguiam identificar e, por fim, se identificavam a intencionalidade da letra ou estratégias narrativas como o uso da ironia ou referências a algum episódio, pessoas ou lugares específicos. No capítulo seguinte, serão abordados alguns trechos das produções realizadas como demonstrativo da experiência.

Novamente os alunos se dividiram entre a biblioteca e os aparelhos eletrônicos. Alguns identificaram as referências usadas nas letras, como no caso da música "O bêbado e o equilibrista" que aparecem diversos nomes e perguntavam quem eram as pessoas citadas e foram orientados a pesquisar sobre elas. Precisaram de pouca ajuda para pesquisar, a maior dificuldade foi identificar a divulgação e veiculação, principalmente sobre as músicas que não participaram de festivais, pois aparecem poucas notícias sobre elas. Ou seja, na análise da letra em si os alunos apresentaram facilidade de interpretação e alguns utilizaram informações de estudos publicados em sites e blogs referentes as músicas.

A última aula foi reservada para a finalização da análise e do trabalho como um todo que compõem os apontamentos dos alunos e a elaboração de um texto que deveria ser entregue como parte avaliativa do processo. O ponto de partida para o debate oral foi a pergunta: "O que vocês descobriram sobre a ditadura militar através da elaboração deste trabalho?". Cada aluno poderia falar sobre qualquer coisa que tivesse descoberto no decorrer do trabalho, desde informações sobre o funcionamento do sistema político, como aspectos sociais, culturais e/ou

econômicos. Todas as falas eram anotadas no quadro, seguindo a intenção de que todos pudessem ter acesso às informações apontadas pelos outros colegas, e, para incentivar a diversidade nas respostas. Os resultados apresentados neste capítulo, apenas apresentam os pontos centrais, mas serão explicitados e analisados no capítulo seguinte.

Os alunos apresentaram oralmente os seguintes assuntos como resultado de suas pesquisas: a censura; falta de liberdade de expressão; controle do governo; as próprias músicas e cantores que até então não conheciam; que as músicas no final do período da ditadura militar mostravam mais otimismo em relação a situação do país do que as anteriores; uso da ironia nas canções; necessidade e dificuldade de driblar a censura. Uma das alunas disse que não entendia como algumas músicas “passavam” pela censura, pois ouvindo hoje parecem óbvias que se tratavam de uma crítica ao governo. Mas, percebeu que nem todas as canções eram tão explícitas e que driblar a censura não devia ser tão fácil quanto ela pensava antes. Outras questões que também foram citadas pelos alunos foram o desemprego; violência policial; presença física da polícia e do exército em diversos lugares; insatisfação da população com o governo; falta de unanimidade na oposição ao regime militar; desigualdade social, desenvolvimento econômico, ausência de debates de gênero e raciais.

Alguns alunos afirmaram que essas descobertas vieram tanto por meio da pesquisa sobre as canções, que acabaram levando-os para diversos caminhos, quanto para as informações diretas apresentadas nas próprias canções. Expostas as “descobertas” acima, a última atividade dos alunos era elaborar um texto, a ser entregue na aula seguinte, que contemplasse todas as etapas do processo no qual deveria conter uma análise da dupla sobre o período a partir das pesquisas e debates realizados. O texto deveria conter obrigatoriamente referências das canções utilizadas e os resultados das pesquisas realizadas, e por fim, uma descrição de como a dupla havia compreendido o período estudado, ou seja, como eles descreveriam este período.

Como encerramento e com o objetivo de avaliar o processo em conjunto com os alunos, estes deveriam apontar as maiores dificuldades e maiores facilidades que tiveram no decorrer da realização das atividades ao longo das seis aulas que haviam passado. A opinião foi individual, ou seja, independente do que o outro membro da dupla opinasse. Para os alunos, as facilidades se concentraram na pesquisa das biografias e a identificação dos instrumentos das canções, enquanto que as maiores dificuldades estavam na pesquisa sobre veiculação, na interpretação das letras e em estabelecer uma relação entre a canção e o

contexto da época. No entanto, a maioria dos alunos apontou que independente do que foi pedido na atividade, as dificuldades e facilidades variavam de acordo com as canções, ou seja, os itens propostos na pesquisa se tornavam mais fácil ou mais difícil de acordo com cada canção, pois algumas eram mais explícitas enquanto outras mais subjetivas, algumas tinham mais informações disponíveis na internet, enquanto outras as informações não eram facilmente encontradas, e assim por diante.

Nas aulas que sucederam ao trabalho o objetivo era apresentar as questões pontuais sobre a ditadura militar, ou seja, os presidentes de cada período, os acontecimentos e eventos que se destacam no livro didático utilizado para a turma. Em um dos momentos de explicação sobre o lema utilizado pelos governos militares “Brasil, ame-o ou deixei-o”, alguns alunos referenciaram o uso da propaganda e como a televisão começava a se tornar o meio de comunicação primordial na sociedade brasileira, e que isso poderia ter contribuído com a difusão de ideias propagadas pelo governo, pois teriam mais alcance e também porque o governo controlava a mídia através da censura. No decorrer da aula foi possível perceber que os alunos conseguiam relacionar o factual com a atmosfera de pensamento da época, o que contribuiu bastante para as aulas fluírem mais naturalmente e de forma menos cansativa, e por vezes, eles faziam alusão ao que tinham pesquisado ou o que tinham entendido das canções.

O tempo total utilizado para trabalhar o conteúdo referente a ditadura militar, além das seis aulas de desenvolvimento da experiência com as canções, foram realizadas mais duas aulas expositivas sobre o tema e uma aula para a avaliação formal do bimestre em formato de prova, o que resultou em praticamente um mês de trabalho com os alunos, considerando que grande parte das atividades foram realizadas em sala de aula ao invés de serem realizadas em casa.

2.3 UMA PROPOSTA PARA O USO DE CANÇÃO NO ENSINO DE HISTÓRIA

Após apresentar as experiências realizadas com os alunos e a reflexão das mesmas, foi possível desenvolver uma proposta metodológica para uso de canções no ensino de história, levando em conta que o público alvo são professores da educação básica. Assim, esta proposta metodológica será apresentada através de uma sequência didática que pode e deve ser utilizada como suporte para experiências futuras. Não se pretende criar uma receita pronta, mas apresentar uma

sugestão que poderá ser modificada de acordo com as necessidades e objetivos de cada docente, do seu público alvo e da escola ao qual está inserido.

A base para idealização desta proposta se estabeleceu nos estudos de Miriam Hermeto que considera em seu trabalho cinco dimensões que compõem o uso de músicas enquanto fonte na sala de aula (HERMETO, 2012, p.143). As dimensões apresentadas pela autora são:

- A dimensão material, que está relacionada ao suporte na qual está contida a narrativa a ser trabalhada. Segundo a autora, devem-se perceber as relações que o disco, o clipe, o programa ou outros suportes possíveis, estabelecem com a narrativa.

- Na dimensão sensível mobiliza-se a recepção da produção a partir da perspectiva dos “sentimentos que mobilizaram a produção” de acordo com a intencionalidade ou motivações que propiciaram determinada produção. Este aspecto permite o diálogo das relações sociais que envolvem o indivíduo e sua ação perante a sociedade em que vive. A dimensão dialógica é o momento da pesquisa histórica sobre os fatores externos a canção que interferem na produção da narrativa. Para isso é necessário consultar outras fontes para buscar informações sobre o contexto histórico que envolve a construção da narrativa.

- No que se refere a dimensão explicativa, ela estabelece o diálogo entre a narrativa e o lugar social de produção desta narrativa, ou seja, apresenta a “versão histórica” sobre o tema abordado. E esta análise permite ao aluno compreender os diversos elementos contidos no sujeito de produção que envolvem uma canção.

- A dimensão descritiva trata-se do tema que se tem como objeto de análise e estudo.

De acordo com Hermeto:

Analisar essa dimensão implica em identificar a temática principal e as secundárias, a ela correlatas, bem como identificar os elementos que permitem fazer uma leitura histórica da narrativa (...): quais os sujeitos da ação, o tempo em que ela se passa, onde ela ocorreu, quais as permanências e as transformações das ações na duração temporal em que se passa a narrativa. (HERMETO, 2012, P.145)

Optei por diluir essas cinco dimensões nas atividades propostas aos alunos de modo que eles perpassassem por elas de maneira direta ou

indireta, tendo em vista que elas contemplam os objetivos da proposta metodológica e são pontos essenciais para a análise realizada pelos alunos das canções selecionadas. No entanto, para que os alunos percebam essas dimensões, é necessário realizar um debate no qual eles percebam o que a música significa para eles, por isso a estratégia de utilizar alguma música atual, sugerida por eles, ou não, e demonstrar as conexões possíveis com o contexto para que a questão fique bem elucidada, e a partir disso iniciar as atividades contidas no planejamento.

Trabalhar estas dimensões exigirá dos alunos o exercício da capacidade de interpretação sensorial, interpretação de texto e realização de pesquisa, resultando em um processo cognitivo amplo que permitirá a elaboração de uma visão diversificada da canção e iniciando uma direção para a compreensão tanto do contexto de produção, como dos temas a que se referem às canções. Para esta compreensão, é necessário que eles ampliem as possibilidades de olhares, sendo assim, uma aula introdutória se torna fundamental, pois será a partir dela que eles terão os primeiros contatos, desenvolvendo as primeiras percepções sobre a canção como fonte histórica.

Sendo assim, a proposta consiste em desenvolver o uso de canções no ensino de história a partir de três etapas centrais apresentadas a seguir.

2.3.1 Primeira Etapa

Na primeira etapa ocorre a audição das canções, uma atual e uma do período histórico que será trabalhado para que sirva de comparação entre os períodos históricos envolvidos, e, a escrita no quadro das primeiras impressões, tanto sobre a musicalidade instrumental quanto a letra. Pude perceber através da última experiência realizada em sala foi que o trabalho se tornou mais interessante para eles descobrirem “sozinhos” este contexto através das canções do que apenas confirmar o que já havia sido explicado ou apresentado anteriormente. Contextualizar e depois apresentar a canção descaracteriza a canção como fonte histórica e mesmo que se tenha todo o cuidado de não a tratar como mera ilustração, a partir do momento que já existe essa contextualização prévia, a canção deixa de se tornar o objeto central para a produção do conhecimento e se torna algo ilustrativo pois não há descobertas a serem feitas, apenas a comparação entre o que está sendo dito pelos seus autores com o que o professor já havia falado em sala de aula.

De acordo com Rosa Geni Duarte,

[...] não basta observar apenas o contexto social e situar a música em seu interior, analisando seus aspectos mais sobressalentes, como a letra; é preciso proceder a uma anatomia mais aprofundada, o que não implica que seja necessário um conhecimento musical aprofundado da parte do historiador, mas supõe ao menos a ampliação daquilo que se constitui sua fonte de pesquisa. É o desenvolvimento dessa concepção que o permitirá proceder a leitura de outros elementos nem sempre visíveis ou óbvios, mas tão – ou até mais – importantes de que a própria letra se apresenta. (DUARTE, 2006, p. 48).

Se a história se faz a partir do estudo das fontes e são elas que nos respondem as questões, que tipo de descobertas fará o aluno que já conhece esse contexto? Não acredito que seja um trabalho jogado fora, a estratégia é válida se o professor tiver outros objetivos com essa metodologia, como estabelecer as relações entre o que está na história oficial e o que a canção diz, ou, comparação de discursos, ou identificar as contradições da época entre tantos outros caminhos a seguir. Mas se o objetivo é despertar nos alunos o interesse pela história, me parece muito mais proveitoso torná-lo protagonista desse processo, possibilitando a eles fazer suas próprias descobertas, como apontam os estudos de Guimarães (2003), já citada anteriormente.

Sendo assim, antes de qualquer contextualização ou pesquisa, o primeiro passo a ser realizado é a ambientação ou apresentação da canção como documento histórico, ou seja, escolher uma canção que seja de conhecimento dos alunos ou que faça parte da realidade deles e fazer uma análise dela, fazendo alguns questionamentos aos alunos para que eles entendam o processo de transformar o documento em uma fonte e mostrando como essa canção fala sobre a sociedade e o tempo da qual está inserida. Recorrendo a Seffner:

“O uso de fontes históricas deve servir para suspender o caráter de prova que os documentos assumem desde a história tradicional e mostrar às novas gerações a complexidade da construção do conhecimento histórico” (SEFFNER, 2008, p. 126)

A partir disso iniciar a contextualização sonora do período a ser tratado, que tanto pode ser levado pelo professor para fazer uma audição comparativa, quanto pode ser pedido para que eles pesquisem as músicas da época já de imediato. Esta etapa dialoga com a dimensão sensível proposta por Hermeto, pois provoca no estudante a sensibilidade e a identificação com a canção.

Esta fase também é o momento para falar da performance, vestimentas, musicalidade, instrumentos e a letra. Esse é o momento essencial para mostrar aos alunos que uma canção não é apenas a letra, e sim, um conjunto de símbolos e significados que estão interligados uns aos outros. Após a audição da primeira canção, caso haja tempo suficiente, se torna interessante fazer o mesmo processo com uma canção época em que se pretende trabalhar, e assim, dialogar com a anterior e preparar os alunos para as atividades posteriores com outras canções. Este processo pode ser mais rápido, tanto para não dar muitas informações sobre o período histórico, pressupondo que o objetivo do trabalho é que os próprios alunos descubram esse contexto com outras canções e além disso porque os alunos já terão um olhar e ouvidos um pouco mais aguçado para analisar a próxima canção.

Tópicos para nortear o debate durante a audição:

- Biografia: quem são os cantores, quais as origens, como se apresentam, relação entre os cantores e suas canções.

- Musicalidade: descrição dos ritmos, quais instrumentos são utilizados e o que representam socialmente, sensação causada aos ouvintes, quais instrumentos e sons são identificáveis e qual a importância de se perceber estes aspectos.

- Letra: temas abordados, vocabulário utilizado, mensagem transmitida.

- Recepção: qual o público que ouve, a que público estão destinadas as músicas, qual o suporte e meios de veiculação utilizado para divulgação e propagação.

- Características do tempo e da sociedade do tempo de produção da música: o que é possível perceber da época de cada música.

Para finalizar esta fase, os alunos deverão pesquisar as canções do período e apresentar no mínimo 3 que chamem mais atenção e justificar a escolha.

Se a pesquisa for delegada para que eles a façam em casa ao invés de realizar na escola propiciará aos alunos a possibilidade de perguntarem aos seus familiares ou outras pessoas, o que favorece diversas trocas de conhecimentos e de experiências, além disso, o aluno

terá mais tempo em escutar e poder fazer sua escolha a partir de uma identificação com a estética ou ritmo.

2.3.2 Segunda Etapa

A segunda etapa se concentra nas pesquisas realizadas pelos alunos. Para isso proponho dois caminhos, o primeiro é utilizar apenas as canções que os alunos trouxeram como resultado de sua pesquisa ou misturar as canções pesquisadas pelos alunos com canções propostas pelo professor. Aqui o objetivo é identificar o conhecimento prévio dos alunos através das justificativas de escolhas para as músicas que escolheram e confrontar esses conhecimentos entre eles identificando os que lhes eram comuns ou não.

O primeiro passo seria iniciar a aula perguntando individualmente aos alunos como realizaram a pesquisa das músicas e quais critérios utilizaram nas escolhas. A justificativa dos alunos já apontará para os caminhos seguidos por cada um na hora da pesquisa e que conhecimentos eles carregam consigo. Conforme os alunos responderem suas escolhas e justificativas, anotar no quadro para que todos possam visualizar e para que ao final das apresentações os alunos possam escolher as canções que querem pesquisar. Além disso, pode ser problematizado as razões de algumas canções se repetirem.

Esta sondagem permite ao professor perceber a construção da cultura histórica desses alunos sobre o período da ditadura militar. Como nos aponta Helenice Rocha,

“A história existe em diferentes instâncias, independente da produção sobre ela. Ela existe como espaço de experiência e campo de conhecimento sobre esse espaço. Em ambas as instâncias, em termos discursivos, a história se constitui em linguagem natural, não formalizada. (...). Tais narrativas oferecem elementos de contextualização para diferentes realizações no campo da arte e da comunicação social, com pouca dependência na história produzida pelos historiadores.” (ROCHA, 2014, p. 38)

A partir das falas dos alunos é possível perceber alguns elementos que constituem esse conhecimento sobre o período, constituído pelos alunos, antes de terem acesso ao conhecimento escolar sobre o tema.

Após este momento de fala dos alunos, dividir a turma em pequenos grupos (duplas, trios) para que comecem a realizar as pesquisas e análise das canções. Sugiro que cada grupo receba duas canções para realizar o trabalho, o que possibilita um leque maior de possibilidades de pesquisa e de descobertas por parte dos alunos (ressalto novamente que essa é uma decisão do professor pensando a realidade de sua turma). As canções de cada grupo serão selecionadas entre a apresentada pela turma, já exposta no quadro e uma outra indicada pelo professor. Neste momento cabe ao professor definir se um grupo será direcionado a pesquisar um aspecto central do período em estudo, como por exemplo a repressão (no caso da ditadura militar), e para isso seria necessário sugerir uma canção que aborde o mesmo aspecto da canção escolhida pelo grupo ou promover a diversidade de temas dentro de uma única pesquisa indicando canções que abordem temas diferentes para um único grupo. Cada dupla poderá escolher as músicas que eles mesmos trouxeram ou que os outros colegas apresentaram e, poderão utilizar os aparelhos de telefone para ouvir as que não conhecem e auxiliar na escolha.

Neste momento ocorre a mediação direta do professor através da elaboração de um roteiro de investigação dessa fonte. É através desse roteiro que o professor vai direcionar a pesquisa de seus alunos, promover uma análise estrutural estabelecendo a relação entre musicalidade (sons) e letra, não apenas a letra, e poderá exprimir seus objetivos pedagógicos. Para isso é necessário que este roteiro contemple a audição da canção, e realize perguntas sobre os instrumentos, sobre as sensações causadas ao ouvir a música, pois isso implicará uma observação mais ampla da canção por parte dos alunos. É fundamental que o roteiro a ser entregue para os alunos seja elaborado a partir dos objetivos que cada professor possui para seus alunos. Para isso, pode ser dividido em três segmentos: aspectos sonoros, narrativa escrita e contextualização.

Os aspectos sonoros devem contemplar a identificação dos instrumentos, as sensações obtidas na audição, os ritmos, possíveis sonoplastias e mensagens sonoras. Esta etapa deverá provocar no aluno a percepção histórica dos sons e levá-los a pensar sobre as relações possíveis entre o tempo e a produção da canção. Desta maneira, os alunos têm a possibilidade de interpretar aquilo que Marcos Napolitano chama de linguagem técnico-estética, responsável pelo aspecto não-escrito da canção. De acordo com o autor, estas linguagens sonoras “são estruturas que interferem no sentido conceitual, corpóreo e emocional de uma letra”. (NAPOLITANO, 2008, p.267). Daí a importância de não as

separar do processo, pois ao fazê-lo altera o próprio sentido da letra. Isto aborda a perspectiva da dimensão sensível apontada por Hermeto, pois a sonoridade da canção está diretamente relacionada aos sentimentos provocados no ouvinte e os que provocaram o próprio autor. De acordo com a autora, “esses elementos (carga e impacto emocional) devem ser identificados, favorecendo a percepção dos alunos de que a história é produzida por sujeitos reais, implicados em relações sociais complexas”. (HERMETO, 2012, p.148). E a dimensão material e descritiva. A material se refere ao suporte, tendo em vista a qualidade do som, bem como as tecnologias sonoras utilizadas interferem e modificam a percepção de quem ouve, enquanto a descritiva se concentra na identificação dos instrumentos, gênero musical, ritmo.

Ainda que a resposta dos alunos pareça “simples”, como por exemplo “ouvir essa música fez eu me sentir triste” ou “alegre” ou “me deu vontade de dançar”, essas respostas podem ser trabalhadas posteriormente pelo professor no sentido de ajuda-los a compreender os sentimentos relacionados a realidade que está sendo exposta através daquela fonte. É de suma importância compreender estes sentimentos, pois é a humanização dos sujeitos históricos em seu contexto. Nenhuma manifestação ocorre simplesmente por uma análise científica e objetiva de uma determinada ação, as ações dos sujeitos estão diretamente envolvidas ao seu modo de sentir a sua realidade e de como as ações interferem em suas relações cotidianas (HERMETO, 2012, p.148).

Sobre o discurso ou narrativa escrita, ou seja, a letra propriamente dita, deve ser identificada pelos alunos as mensagens, os temas abordados, o vocabulário e os possíveis destinatários das mensagens, bem como as intenções e os objetivos expressos na letra da canção. Encontramos aqui outras três dimensões apontadas por Hermeto, a descritiva e explicativa. Os elementos descritivos se referem ao tema de cada canção e quais acontecimentos e/ou personagens a narrativa apresenta. Nesta perspectiva a análise “implica identificar os elementos que permitem fazer uma leitura histórica da narrativa, a partir de seus elementos textuais explícitos” (HERMETO, 2012, p.145). Através da dimensão explicativa os alunos poderão entender “a versão histórica” e o “lugar social de produção do texto” (HERMETO, 2012, p.146). Neste ponto professor pode incorporar aquilo que deseja que o aluno descubra, ou seja, se o foco do professor é que o aluno saiba sobre o exílio, este roteiro deve ser elaborado com questões que ajudem o aluno a encontrar essas informações, neste caso, a pesquisa da biografia se torna fundamental. Sabemos que toda pesquisa pode levar a inúmeras descobertas inesperadas, mas ao criar perguntas objetivas é possível

direcionar essas descobertas e alcançar o objetivo específico de cada pesquisa. Como nos lembra Oliveira,

“Talvez não seja possível recuperar totalmente a dimensão histórico-social do momento da criação da obra musical, mas é plausível levantar alguns elementos que nortearam esse momento, auxiliando na compreensão geral da música e na relação com o período histórico estudado.” (OLIVEIRA, 2012, p. 67)

A contextualização poderá partir da pesquisa a respeito das biografias, o histórico das canções, a repercussão e a circulação das canções nos meios de comunicação do período e outras informações que sejam importantes para a construção do cenário da época. Cabe nesta fase sugerir aos alunos que eles assistam vídeos e pesquisem imagens relacionadas a época e/ou as canções e seus intérpretes. Neste sentido, a perspectiva da dimensão explicativa também se faz presente, tendo em vista que ela está relacionada diretamente com a relação entre o sujeito e a sociedade nas formas de percepção e circulação desses sujeitos em diferentes tempos históricos. (HERMETO, 2010, p. 146). E por fim, a dimensão dialógica se faz presente na pesquisa pois permitirá aos alunos estabelecerem as referências obtidas além da fonte. No entanto, é preciso atentar para o fato de que talvez este exercício de análise dialógico seja o mais complexo para os alunos, pois exige alguns conhecimentos prévios e uma percepção um pouco mais apurada para conseguir estabelecer essas relações.

Devido à complexidade e o tempo despendido para a realização desta pesquisa, essa etapa poderá ser estendida por mais uma ou duas aulas para que os alunos realizem com tranquilidade suas pesquisas e o professor possa auxiliá-los nas dúvidas surgidas. Esse tempo deverá ser controlado pelo professor de acordo com a realidade de cada escola. É importante indicar aos alunos buscarem imagens e vídeos que estejam relacionados aos cantores ou as canções que estão pesquisando, como notícias de jornais e estudos sobre as mesmas para que contribuam para a análise e aumente as informações para a pesquisa. Para auxiliar os alunos nessa pesquisa poderá ser sugerido que eles busquem de forma livre na internet e apenas auxiliá-los oralmente na pesquisa com palavras chaves ou com indicação de alguns sites nos quais eles poderão encontrar imagens e vídeos como os “ditaduramilitanobrasil.blogspot.com.br” e “memoriasdaditadura.org.br”

que reúnem acervos de documentários, imagens e reportagens sobre o período. Os resultados obtidos poderão ser apresentados aos colegas no momento de socialização das pesquisas realizadas pelos grupos.

2.3.3 Terceira Etapa

A terceira e última etapa seria o debate final a partir do levantamento dos resultados das pesquisas e a elaboração de uma atividade que reúna todos os momentos de pesquisa realizados anteriormente. Neste momento é possível construir em conjunto com os alunos a contextualização e corroborar o uso da canção enquanto documento histórico, construindo o conhecimento histórico sobre o período em questão. Para isso, é essencial retomar os apontamentos de Seffner em relação ao uso dos documentos em sala de aula e a problematização dos mesmos para que estes não se transformem apenas em algo ilustrativo. O autor nos diz que:

“(…) o trabalho em sala de aula com documentos pode ser pensado nesta ótica de criar e recriar o que somos, dando um sentido original para o ensino de história, em conexão com a formação da identidade dos alunos, situados em um determinado contexto histórico, que necessita ser entendido” (SEFFNER, 2008, p.116.)

O levantamento oral das informações que os alunos consideram mais pertinentes e a cada ponto levantado deverá ser colocado no quadro para que seja socializado entre todos. A partir disso iniciar a construção do contexto pesquisado e estabelecer as conexões entre os aspectos levantados

Para finalizar o processo, considero essencial que haja um trabalho a ser entregue pelos alunos, como forma de sistematização dos vários processos realizados ao longo das aulas. Uma opção seria a elaboração de um texto no qual estejam articuladas as várias etapas de análise e de pesquisa. Neste texto os alunos deverão estabelecer as relações entre as informações que obtiveram através da análise das canções e o contexto histórico pesquisado apontando para as descobertas realizadas e suas percepções sobre o período em questão.

No entanto, é possível pensar outros formatos de “trabalho final”, como a construção de uma canção por parte dos alunos, na qual eles

poderiam criar sonora e textualmente uma canção sobre o período pesquisado ou ainda sobre o período atual desde que relacionado ao que foi trabalhado, com o objetivo de identificar as rupturas e/ou permanências históricas. Seja através de uma produção textual ou sonora, o objetivo da atividade final deve ser constatar se os alunos conseguiram de fato apreender as relações histórico-sociais que envolvem as canções, sejam elas de qualquer gênero musical.

Este encerramento cumpre as necessidades formais avaliativas tanto para professores como para os alunos, em termos de notas e avaliações pedagógicas obrigatórias. Além do cumprimento burocrático avaliativo, nesta atividade será avaliada de que maneira os alunos conseguiram articular as informações obtidas com as pesquisas e as aulas. Em caso de elaboração de um texto, acredito que não há necessidade de criar um roteiro pré-estabelecido para que os alunos sigam, pois poderá limitar o desenvolvimento criativo e analítico. Os alunos poderão fazer uso dos materiais que pesquisaram e a partir disto construir sua própria narrativa. Os critérios avaliativos devem ser a coerência textual, o encadeamento das informações e a presença das informações obtidas em todas as etapas percorridas. Para nortear o texto, o professor poderá sugerir um título como “o que aprendi sobre a ditadura?”

3. O ENSINO DE HISTÓRIA, AS CANÇÕES E A CULTURA HISTÓRICA: AS NARRATIVAS PRODUZIDAS PELOS ALUNOS

Pensar o ensino de História é, fundamentalmente, pensar as relações que os alunos estabelecem com a disciplina de História e os desafios dos professores na construção destas relações que perpassam vários aspectos, desde o conteúdo propriamente dito e como trabalhar com ele em sala de aula, até a recepção do mesmo e a preocupação em como os alunos estão absorvendo e compreendendo-o. O debate acerca dessas questões está atualmente vinculado às categorias de cultura histórica e consciência histórica, ambos apresentam elementos que contribuem no processo de ensino-aprendizagem do universo escolar.

Estas categorias se desenvolveram, no Brasil, a partir dos questionamentos surgidos após a ditadura militar, no qual o ensino de História se tornou preocupação sobre os efeitos causados em decorrência dos usos que o regime militar fez do sistema educacional brasileiro no período. Desta forma,

“as investigações no campo do ensino de história, (...), têm procurado se constituir uma reflexão sobre os fundamentos de um ensino de história renovado, investigando não só a história ensinada e aprendida no interior da escola, mas também os usos sociais do passado e as aprendizagens que se dão para além dos muros dessa instituição.”
(LIMA, 2014, p. 54)

A partir dessas perspectivas e pensando formas e estratégias de superar alguns dos desafios que os professores enfrentam no ensino de História, é que estes professores têm recorrido a utilização de produtos culturais de comunicação de massa, como filmes, novelas, canções, entre outros, afim não apenas de diversificar a aula, mas também a maneira como os alunos percebem e compreendem a História, como aponta a autora Helenice Rocha:

“Os professores pretendem diversificar os materiais de ensino saindo do trinômio: exposição, livro didático e atividade, visando atrair o olhar e a sensibilidade dos alunos para a aula de História com a concretização da presença

do passado em imagens, sons, ritmos e palavras.”
(ROCHA, 2014, p.50)

No caso deste trabalho, a abordagem escolhida foi o da linguagem musical, por entender que esta linguagem está presente no cotidiano dos alunos e contribui no diálogo entre o universo escolar e a vida cotidiana, pois aborda e circula entre diferentes espaços e por diversos grupos sociais. De acordo com Katia Maria Abud, as canções:

“(…) são representações, não se constituem num discurso neutro, mas identificam o modo como, em diferentes lugares e em diferentes tempos, uma determinada realidade social é pensada e construída. Serão também instrumentos para a construção de representações sociais dos alunos, evidenciando por meio de múltiplas configurações intelectuais como os diferentes grupos constroem, contraditoriamente, a realidade social”. (ABUD, 2005, p.312)

Dessa forma, a canção pode despertar um interesse por parte dos alunos que a aula expositiva por si só por vezes não dá conta de o fazer. Com as canções é possível abordar um universo de temáticas com várias possibilidades em uma canção apenas. Jamais esquecendo dos cuidados necessários ao se trabalhar com esse tipo de linguagem como documento histórico. Retomando o que já foi debatido anteriormente, Regina Soares de Oliveira ressalta também a importância e o cuidado em trabalhar letra e música juntas para garantir uma análise mais ampla e consistente (OLIVEIRA, 2012, p.71). E neste aspecto, ao realizar uma análise sobre a atividade descrita no capítulo anterior, é possível fazer alguns apontamentos, como por exemplo, explicar oralmente esta indissociabilidade sem exemplos práticos, sem que os alunos acompanhem passo-a-passo como realizar esse processo comprometeu a atenção dos alunos. Ao comparar com atividades similares realizadas em outras ocasiões, foi perceptível que em um primeiro momento eles aparentemente compreendiam essas relações, mas, no momento de realizar a atividade sozinhos surgiam inúmeras dúvidas.

A audição comparativa entre uma canção do presente e uma canção do passado, analisando ponto a ponto das canções, desde os instrumentos utilizados até o simbolismo das palavras para cada período apresentou bom desempenho entre os alunos. Os alunos conseguiram

compreender com mais amplitude a canção enquanto fonte histórica e relacioná-la como algo palpável para o estudo a ponto de perceberem que seus gostos musicais não deveriam interferir na compreensão da mesma.

Os alunos que analisaram a canção *Apesar de Você*, de Chico Buarque, descreveram que “a música começa com um ritmo lento e suave, depois começa a ficar alegre e dá vontade de dançar” (YF, CB, IP)³. Em outro relato, sobre a canção *Televisão*, foi dito: “É uma música boa de ouvir, da vontade de cantar e dançar. Fala bastante sobre como está o Brasil e isso torna a letra um pouco triste, mas com o som agitado, a música fica alegre.” (GC). Outro relato no mesmo sentido está presente sobre a canção *Meu Caro Amigo*: “Então, é uma música que tem seu ritmo mais animado, mais “amigável”, num tom de conversa com seus amigos. Notoriamente uma ironia, já que na letra, ele fala justamente das insatisfações do povo” (ML) e a partir dessas audições alguns alunos apresentaram os seguintes questionamentos: “*mas professora, naquele tempo como as músicas se tornavam conhecidas?*”; “*esse tipo de música era a que tocava na rádio?*”; “*as bandas brasileiras já usavam guitarras?*” e assim por diante. Retomando as dimensões de análise de Miriam Hermeto, descritas no capítulo anterior, ter a dimensão sensorial como ponto de partida, ou seja, a escuta da canção e a sensibilização dos ouvintes, foi o caminho para alcançar as outras quatro dimensões.

Outro ponto levantado por Oliveira é que ao olhar para a canção como um documento histórico é preciso observá-lo como qualquer outro documento, como nos alerta Oliveira sobre o uso de canções:

“Como documento, é necessário que a tratemos com o mesmo rigor que utilizamos para lidar com outras fontes. Demos buscar compreendê-la a partir de sua criação, dialogando com seu compositor (quem era e em que momento produziu?) e com sua mensagem (análise da letra da canção).” (OLIVEIRA, 2012, p. 71)

A autora ainda sugere que a canção seja relacionada a outros documentos do período abordado para que se construa um panorama mais amplo, bem como com a divulgação e recepção perante ao público, pois estes aspectos também são partes constituintes da transformação da

³ Os nomes dos alunos serão suprimidos e citados apenas por suas iniciais para preservação dos mesmos.

canção em fonte histórica (OLIVEIRA, 2012, p. 71). Este é o aspecto concomitante ao que Hermeto chama de dimensão dialógica, focada na pesquisa de outras referências que dialoguem com a canção (HERMETO, 2012, p.14). No entanto, a busca por mais informações e acesso a outros documentos da época foi uma das dificuldades apontadas pelos alunos. Muitos conseguiam acessar quase sempre as mesmas informações, repetidamente, em sites diferentes. Também apresentaram algumas dificuldades em encontrar informações sobre os gêneros musicais que eram mais ouvidos no período, para além da MPB e o Tropicalismo e concluíram que estes eram os gêneros que se destacaram na época. Porém, a maior dificuldade foi entender o que era a difusão das canções e como pesquisar sobre isso. Em alguns casos, não encontravam notícias sobre apresentações públicas ou em quais programas de TV determinadas canções circulavam. Ao final da atividade com os alunos, no momento separado para comentários e debates, os grupos que estavam responsáveis pela análise das canções Ponteio, Balada do Louco e Parque Industrial apontaram que: “*Todos os sites que procuramos falavam sempre a mesma coisa e sempre sobre Gilberto Gil, Chico Buarque*” (SF).

Sobre isso pode-se realizar duas problematizações, a primeira no que se refere ao papel do professor e como medir o seu grau de intervenção no processo de aprendizagem dos alunos. O professor responsável precisa estar atento ao nível de dificuldade da atividade proposta e interferir quando necessário para auxiliar o aluno e não deixar que a experiência do uso com documentos e as pesquisas solicitadas não se torne um peso e uma dificuldade ainda maior no processo de aprendizagem. (OLIVEIRA, 2012, p.29). A segunda problematização a ser feita se refere a disputa de memória a respeito e a construção da cultura histórica do período histórico trabalhado.

Para este trabalho, foi definido um recorte temporal, a ditadura militar no Brasil, na qual a produção musical esteve evidenciada pela mídia e pela própria historiografia. Ao falar especificamente sobre este período, existem diversas produções tanto no âmbito acadêmico e historiográfico quanto no âmbito cultural e artístico que, em ambos os casos, ajudam a mantê-lo sempre em evidência, bem como transmitem informações proporcionando acesso a determinados tipos de conhecimentos sobre esse tempo histórico, que por fim, contribuem na construção da cultura histórica acerca do tema, como afirma, novamente, Helenice Rocha:

“os usos sociais do passado, apelando à história ou à memória, para fins de entretenimento, busca de erudição, conhecimento ou como argumentação social, são constitutivos da cultura histórica, expressos em produtos diferenciados, realizados por agentes diversos e pra diferentes públicos.” (ROCHA, 2014, p.39)

É possível então pensar o sentido de cultura histórica como algo que é constituído por diversos segmentos que perpassam o cotidiano de um indivíduo, ou seja, uma gama de informações e experiências que de alguma maneira se relacionam a via prática de cada ser humano. Neste sentido, a cultura histórica a respeito da ditadura militar brasileira, de acordo com Alessandra Ciambarella, é composta não apenas pelo conteúdo acadêmico e escolar, mas também pela memória dos que viveram este período, considerando a proximidade temporal e por diversas produções audiovisuais, nas quais está construção está em constante disputa e cheia de contradições. (CIAMBARELLA, 2014, p.208 e 234). No caso específico da ditadura militar, as contradições e disputas pela memória se manifestam a cada produção realizada, construídas sob diversos aspectos (políticos, ideológicos, econômicos e sociais) relacionando os interesses e discursos de quem está produzindo. Dessa forma,

“(...) a mídia audiovisual, assim como outros veículos, desempenha papel fundamental como agente social que elabora e enuncia discursos históricos. (...) tais seleções e (re)construções de memórias podem ser realizadas, (re)definindo e (re)elaborando imagens e discursos sobre episódios decisivos da história nacional. (CIAMBARELLA, 2014, p.234)

Os aspectos dessa construção de memória e cultura histórica podem ser identificados pelo professor, essencialmente quando os alunos precisam trazer sugestões de canções do período e terem que justificar suas escolhas. As justificativas se baseiam no conhecimento e nas informações que foram adquiridas fora do contexto escolar, portanto, baseadas em depoimentos, pesquisas e experiências e memórias de familiares e/ou experiências próprias com produções audiovisuais. E, também, podem ser debatidos diretamente com os

alunos no decorrer da atividade, conforme as observações apontadas pelos alunos.

Na etapa de identificação de temas e análise do discurso das canções, baseados na dimensão explicativa de Hermeto, na qual o objetivo central é compreender o lugar social de produção e a versão histórica apresentada (HERMETO, 2012, p. 146) os alunos identificaram diversos temas que puderam ser trabalhados e debatidos em sala. A violência, foi citada pelos alunos que analisaram a canção Ponteio, e acordo com os alunos: *“a música varia o ritmo, uma hora está mais agitada e outra mais lenta e fala de violência, que tinha muitas mortes ao redor e parecia que ele estava sempre com medo de alguma coisa.”* (YG). Outro tema identificado foi o controle exercido sobre o comportamento da população, observado na canção Meu Caro Amigo, *“essa música fala que as pessoas naquela época precisavam se comportar do jeito que era certo ou poderia acontecer alguma coisa de ruim”* (AM e LM). O mesmo tema foi identificado também em Comportamento Geral, de Gonzaguinha, *“essa música parece um manual de como as pessoas deveriam agir, sempre agradecendo e obedecendo, mesmo que não concordasse com alguma coisa.”* (IP e CB). Os alunos que analisaram a canção Parque Industrial, Comportamento Geral e Geração Coca-Cola identificaram algumas questões relacionadas ao setor econômico e de forma geral questionaram como era a economia da época. Ressaltaram como algumas canções pareciam mais “sérias” e outras “nem tanto”. No que se refere a censura, fator tão marcante do período, foi mais exposto no texto final produzido pelos alunos.

A parte final do trabalho, na qual os alunos precisaram produzir o texto, foi o momento de retomar o objetivo central da dimensão dialógica proposta por Hermeto, em conjunto com o debate proposto por Oliveira a respeito das disputas de memória, e, também sobre a construção da cultura histórica a respeito do período, levantado por Ciambarella. Todos esses aspectos, citados anteriormente, foram debatidos e em menor ou maior grau foram apresentados pelos alunos, pois o texto final deveria reunir todas as informações levantadas pelas pesquisas realizadas e as impressões sensoriais das audições das canções. Sobre essa fase do trabalho, houveram dois caminhos nitidamente seguidos pelos alunos, o de apresentar respostas corretas devido à preocupação com a nota e, por consequência, um texto mais formal e grande número de informações e detalhes factuais para demonstrar um trabalho mais completo, e o outro de apresentar uma opinião de acordo com o que foi trabalhado, menos preso as

informações coletadas. Os níveis de envolvimento e complexidade de respostas diferentes para cada grupo de alunos deve ser esperado, pois faz parte do cotidiano dos professores em quaisquer tipos de trabalhos e atividades realizados com os alunos. A seguir dois textos finais que foram entregues:

“As músicas que nós escolhemos mostram que naquela época havia muita censura, as letras, em sua maioria, eram cheias de metáforas e ambiguidades. Percebemos também, que todas as músicas retratam, implicitamente, as críticas, a luta e a revolta dos cidadãos contra o regime. Este período foi muito violento. O governo não aceitava nenhuma ideia contrária a ele. A tortura era muito presente, pessoas desapareciam misteriosamente. Principalmente as que se manifestavam contra o regime. Também, muitos cantores e outras pessoas foram exiladas ou se exilavam para fora do Brasil. Um caso famoso foi o de Chico Buarque.” (AM e LM)

Para analisar este texto, recorro novamente a Hermeto na tentativa de identificar as mesmas na escrita dos alunos. O primeiro ponto a ser levantado é que não há referência a dimensão sensível, ligada a audição da canção. Esta foi uma das dificuldades apresentadas pelos alunos no debate final. Alguns não conseguiram relacionar os sons e as impressões auditivas das canções, com a análise da letra e mais as informações coletadas nas pesquisas. Outro aspecto que consta no texto é a dimensão dialógica, que busca cruzar as referências utilizadas da canção com o contexto, ao citar os casos de exílio, que não estava explícita em nenhuma das canções escolhidas pelos alunos, pode-se concluir que essa conclusão foi retirada através do diálogo entre documentos. É possível identificar também as dimensões explicativas através da percepção do contexto de produção e a dimensão explicativa, pois apresenta os temas abordados no discurso da canção. No entanto, a dimensão material também não é abordada, está em conjunto com a ausência da dimensão sensível, remetem novamente a dificuldade dos alunos em relacionar a forma da canção, seja a musicalidade ou o suporte, com o conteúdo do discurso das letras.

O segundo texto selecionado diz que:

“Este período foi no âmbito musical, e no social, marcado pela tristeza e aceitação das massas, que ainda se davam conta e se adaptavam ao novo ambiente hostil. Foi também nesta época que foram instituídas as eleições indiretas, as quais tomavam do povo, devido à fraude eleitoral, que provém dessa, o pouco direito de escolha e interferência popular nas instituições governamentais. Algumas das músicas sobre as quais nós pesquisamos tinha como um de seus objetivos a fuga do ambiente de repressão da ditadura, trazendo ritmos alegres e letras leves e amigáveis. Castello Branco foi um general militar condecorado presidente pelo Congresso Nacional. Assim que assumiu o cargo, mostrou-se um governante autoritário, estabelecendo assim eleições indiretas e dissolvendo todos os partidos políticos da época, tornando o sistema político bipartidário. A característica principal de seu governo foi instituição da nova constituição brasileira. No âmbito econômico, em uma tentativa de favorecer o crescimento do país, o governo de Costa e Silva elaborou o Plano Estratégico de Desenvolvimento. No âmbito social, apesar da violenta repressão, as manifestações públicas contra o regime militar cresceram. Diante disso o governo decretou o que seria considerado o ato mais cruel de todos os atos militares: o Ato Institucional nº5, que ampliou significativamente os poderes de presidente e colocou o Congresso em recesso.” (DM e PR)

Neste texto, em comparação com o texto apresentado anteriormente, é possível notar uma aproximação dos elementos sonoros na análise realizada pelos alunos. Enquanto o primeiro texto sequer faz menção as questões sonoras, este segundo, apesar de não atender a dimensão material, já apresenta um diálogo e uma tentativa de entender esta sonoridade no contexto de produção. Além disso, fica evidente as apresentações das demais dimensões de análise, nas informações apresentadas que certamente foram resultado de pesquisa, a relação do contexto com a produção da canção e uma análise da letra.

No debate realizado após a entrega do texto final, diversos alunos apontaram que o que eles mais gostaram em todo o processo foi de ter saído do livro didático e que ao mesmo tempo eles não faziam ideia de

como fazer e por isso tiveram dificuldade na pesquisa e na interpretação das letras. Eles não sabiam se tinham que interpretar o que estava escrito ou tentar descobrir a intenção de cada letra. Identificar as mensagens nas “entrelinhas” para eles se demonstrou a parte mais desafiadora do trabalho, ao mesmo tempo consideraram a mais interessante. Além disso falaram sobre os seus gostos musicais, como aquelas canções, ou ao menos a maioria delas, estava distante dos tipos de música que os jovens escutam hoje, mas que durante o trabalho não estavam mais preocupados se era uma canção que eles gostavam ou não. O ponto positivo do debate oral é que os alunos se expuseram com menos receio de estarem certos ou errados e isso possibilitou avaliar de maneira mais eficaz a experiência e detectar os limites e pontos promissores para futuras experiências. Neste debate foi possível retomar a discussão sobre as disputas de memória, possibilidades de interpretações, construção de conhecimento histórico e cultura histórica.

A respeito das dificuldades práticas da metodologia aplicada e o cotidiano escolar, cabe salientar a adaptação necessária a cada realidade escolar como tempo de aula, espaço, número de alunos, divisão de grupos e números de canções a serem trabalhadas. Neste caso, os alunos disponibilizavam de computadores e aparelhos eletrônicos para realizar as pesquisas propostas. Mas, diante da realidade de muitas das escolas públicas brasileiras, a questão do acesso a rede de internet e computadores ou aparelhos eletrônicos é algo que precisa ser pensado e planejado com antecedência pelos professores a partir de suas necessidades. Para que os alunos possam realizar as pesquisas na escola é preciso ter disponibilidade de uma rede de internet, seja wi-fi ou via laboratório de informática e/ou biblioteca. Há a opção de os alunos realizarem suas pesquisas em casa, ou seja, o roteiro de pesquisa pode ser utilizado também como uma atividade para ser entregue na aula seguinte. No entanto, é preciso ter em mente que as dificuldades que surgem no momento da pesquisa podem não serem sanadas de maneira satisfatória, comprometendo o resultado de todo o processo e principalmente de não ter auxílio aos que possam apresentar maiores dificuldades na atividade.

Sobre o tempo utilizado para a atividade, este irá depender única e exclusivamente do planejamento de cada professor, de acordo com seus objetivos. De acordo com a realidade da qual trabalho, as quatro aulas, mais as atividades enviadas para casa, foram suficientes para alcançar o objetivo proposto. No entanto, salientei que ainda houveram pontos que podem melhorar e para isso, talvez seja necessário um número maior de aulas disponibilizadas para a atividade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Chegar até aqui não foi tarefa fácil. O que fazer para que uma canção pudesse ser utilizada em sala de aula no ensino de história de forma qualitativa e que de fato alcançasse os objetivos pensados de aproximar os alunos da disciplina e abordar o conteúdo de maneira diferenciada e ao mesmo tempo propiciar uma construção de conhecimento histórico de forma mais autônoma? Seria possível que essa linguagem pudesse cumprir esses dois papéis ao mesmo tempo?

Desmembrar uma canção com os alunos como foi feito com a canção da Ludmilla permitiu abrir o olhar deles para as possibilidades de compreensão da realidade, da qual eles vivem, de uma maneira inovadora. Acredito ter sido o ponto de maior ênfase do trabalho, pois foi enriquecedor como professora acompanhar o desenvolvimento deles nas atividades. A cada demonstração de uma nova percepção alcançada e novas conexões realizadas por eles era uma forma de afirmação da metodologia. Os resultados das pesquisas e da elaboração final do texto serviram para avaliar de maneira formal todo o processo, mas não há como descrever a percepção por parte do professor quando vivencia os objetivos de sua proposta sendo alcançados. Por mais detalhada que pudesse ser a descrição dos resultados e das impressões obtidas pelos alunos, são nos momentos que um aluno fala “ah, entendi”, ou quando um outro diz “hum, então quer dizer que...”, entre outras expressões orais e até mesmo faciais que demonstram essas descobertas, é que o professor percebe que o objetivo está sendo alcançado.

Seja como for, a proposta inicial deste trabalho era realizar um debate em torno das possibilidades do uso de canções no ensino de história e para isso foi realizado um levantamento das discussões em torno das relações entre música e história, bem como as perspectivas para o ensino de história no ensino básico. A partir dos relatos de algumas experiências e das experiências realizadas para a construção da proposta apresentada é que o trabalho começou a tomar sua própria direção. Os relatos que foram utilizados ao longo do trabalho atenderam a algumas das problemáticas, mas não ofereciam alguns suportes necessários para pensar, por exemplo, em como suprir a dificuldade dos alunos em não focar apenas nas letras. A maioria dos autores consultados reafirmam sistematicamente que não se deve separar música e letra, mas não apresentam de forma objetiva uma proposta de como resolver essa questão e mostrar para os alunos a equidade de importância de ambas as esferas. Neste trabalho busquei apresentar uma

tentativa de resolução ao incluir roteiros de pesquisa e questionamentos relativos a sonoridade das canções. Ainda assim, os resultados obtidos neste trabalho podem não ser suficientes, ainda que tenha apresentado algum avanço, para isso necessitaria de outras experiências para estabelecer um estudo e uma análise mais aprofundada.

Portanto, acredito que mais investigações devam ser realizadas em torno de mecanismos que possibilitem aos alunos perceberem as informações históricas contidas nas canções de maneira completa e não apenas em suas letras.

A proposta de trabalho apresentada no segundo capítulo não tem a pretensão de ser 100% eficaz, aliás não é esse o objetivo e qualquer professor deve ter ciência de que cada aluno é um indivíduo diferente do outro e por isso alguns terão mais facilidades que outros e se identificarão mais ou menos que outros com as atividades. Tampouco pretende ser uma receita pronta a ser seguida, é apenas uma sugestão baseada em experiências realizadas.

Seja como for, transformar os alunos em “pequenos historiadores” pode tornar a aula de história muito mais interessante, pois isso dá ao ensino de história um caráter investigativo que tanto provoca a curiosidade e conseqüentemente o interesse pela pesquisa.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **The danger of a single story**. TedGlobal, 2009. Disponível (legendado) em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=ZUtLR1ZWtEY>>

APUD, Katia Maria.

AZAMBUJA, Luciano de. **Você acha que a música pode ser usada em aulas de história? Protonarrativas de jovens alunos brasileiros e portugueses**. 2014. Disponível em:
<ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/view/6689/5547>

BARROSO, Vera Lúcia; PEREIRA, Nilton Mullet; BERGAMASCHI, Maria Aparecida; GEDOZ, Sirlei; PADRÓS, Enrique Serra. (Org.). **Ensino de História** - Desafios Contemporâneos. Porto Alegre: EST, 2010, p. 183-201.

BASTOS, Rafael José de Menezes. **Origem do samba como invenção do Brasil** (Por que as canções têm música?). In: Revista Brasileira de Ciências Sociais, n.31, ano11, 1996.

BITTENCOURT, Circe Maria. **Abordagens históricas sobre a História escolar**. Porto Alegre, *Educação & Realidade*, v. 36, n. 1, p. 83-104, jan./ abr. 2011.

_____. **Os confrontos de uma disciplina escolar**: da história sagrada à história profana. *Revista Brasileira de História*, São Paulo, v. 13, n. 25-26, set. 92/ago. 93, p. 193-221.

BLOCH, March. **Apologia da História ou O Ofício do Historiador**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e Sociedade**. São Paulo: Editora Nacional, 1973.

CERRI, Luis Fernando. **Os conceitos de consciência histórica e os desafios da didática da História**. *Revista de História Regional* 6(2): 93-112, Inverno 2001.

_____. **Os objetivos do ensino de História.** Revista Hist. Ensino, Londrina, v. 5, p. 137-146, 1999.

CIAMBARELLA, Alessandra. **“Nem sempre o que parece é”: cultura histórica, memórias e representações das esquerdas e da ditadura militar na televisão nacional.** In: Ensino e História: usos do passado, memória e mídia. Org. Marcelo Magalhães. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2014.

DUARTE, Rosa Geni e GONZALEZ Emilio. **Pensando a América Latina: música popular, política e Ensino de História.** In: CERRI, Luis Fernando (Organizador). Ensino de História e Educação: olhares em convergência. Ponta Grossa: Editora UEPG, 2006. P. 45-64.

DUQUE, Luiz Guilherme Rita. **Canções que embalam a História: apontamentos metodológicos para o uso da Música Popular Brasileira na sala de aula.** In: Revista do Lhiste, n.1, vol.1. Porto Alegre, 2014.

GAFFO, Bethânia Cristina. **A nova história cultural e a utilização da literatura para a pesquisa historiográfica.** Disponível em: www.cih.uem.br/anais/2013/trabalhos/444_trabalho.doc

GARCIA, Walter. **Está mais fácil trabalhar com canção popular-comercial no Brasil?** IN: Revista Cultura e Pensamento, n.03, dez.2007, edição do Ministério da Cultura e Fundação de Apoio à Pesquisa e Extensão (FAPEX).

GASPAROTTO, Alessandra. PADRÓS, Enrique Sedra. **A ditadura civil-militar em sala de aula: desafios e compromissos com o resgate da História Recente e da memória.** Porto Alegre: EST, 2010 p.183-184.

GUIMARÃES, Marcella Lopes. **Capítulos de História: o trabalho com fontes.** Curitiba: Aymarã Educação, 2012.

GUIMARÃES, Selva. **Didática e Prática de Ensino de História:** experiências, reflexões e aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

HERMETO, Miriam. **Canção popular brasileira e ensino de história:** palavras, sons e tantos sentidos. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2012. Coleção práticas docentes.

LEMOS, Cilésia. **A música no ensino de história: novas abordagens através do PIBID em sala de aula.** 2014.

Disponível em: ojs.fe.unicamp.br/ged/FEH/article/download/6599/5483

LIMA, Maria. **Consciência histórica e educação histórica: diferentes noções, muitos caminhos.** In: Ensino e História: usos do passado, memória e mídia. Org. Marcelo Magalhães. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2014.

MONTEIRO, Ana Maria. **Professores de história: entre saberes e práticas.** Rio de Janeiro: Mauad X, 2007.

MORAES, José Geraldo Vinci de. **História e música:** canção popular e conhecimento histórico. Revista Brasileira de História. São Paulo, v. 20, nº 39, p. 203-221. 2000

NAPOLITANO, Marcos. **História & Música.** Belo Horizonte: Autêntica, 2ª. Ed., 2005.

_____. **A Síncope das ideias.** São Paulo. Editora Fundação Perseu Abramo, 2007.

_____. **A História depois do papel.** São Paulo: Editora Contexto, 2008.

NEDER, Álvaro. **Um homem pra chamar de seu:** teoria literária, música e transformação social. In: Simpósio Nacional Fazendo Gênero 7. Florianópolis. Anais, 2006. Disponível em: www.fazendogenero7.ufsc.br/artigos/A/Alvaro_Neder_03.pdf

OLIVEIRA, Regina Soares de. Vanússia Lopes de Almeida; Vitória Azevedo Fonseca; Márcio Rogério de Oliveira Cano (org.). Coleção: **A reflexão e a prática no ensino – História.** Vol.6 São Paulo: Blucher, 2012.

ROCHA, Helenice. **A presença do passado na aula de história.** In: Ensino e História: usos do passado, memória e mídia. Org. Marcelo Magalhães. Rio de Janeiro. Editora FGV, 2014.

SANDRONNI, Carlos. **Feitiço Decente.** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002

SANTOS, Dilécia Boaventura dos. Música como documento em sala de aula - **Música popular brasileira no ensino de história do Brasil: A música como documento histórico em sala de aula.** Disponível em <http://monografias.brasilecola.com/imprimir/14269>

SCHIMIDT, Maria Auxiliadora; CAINELLI, Marlene. **Ensinar História** a. São Paulo: Editora Scipione, 2004.

SCHLEMMER Eliane. FROSI, Felipe. **Jogos Digitais no Contexto Escolar:** desafios e possibilidades para a Prática Docente, São Leopoldo, 2010.

Disponível em:

<http://www.sbgames.org/papers/sbgames10/culture/full/full13.pdf>

SEFFNER, Fernando. **O que pode o ensino de história? Sobre o uso de fontes na sala de aula.** Porto Alegre, v. 15, n. 28, p.113-128, 2008

SILVA, Leandro Nunes. **As contradições entre a escola analógica e a sociedade digital.** GT: Educação e Comunicação / n.16.

2007. Disponível em: <http://30reuniao.anped.org.br/posteres/GT16-2827--Int.pdf>

SIMONGINI, Jemima Fernandes e, CORDEIRO, Marcela Taveira.

Aula oficina: a música como proposta de produção de conhecimento histórico com os alunos.

THOMPSON, E. P. (Edward Palmer). **Costumes em comum.** São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

_____. O termo ausente: experiência. In: **A miséria da teoria ou um planetário de erros, uma crítica ao pensamento de Althusser.** Rio de Janeiro? Zahar, 1981.

TINHORÃO, José Ramos. **História social da música popular brasileira.** São Paulo:

WILLIAMS, Raymond. **Marxismo e literatura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1979.